



A última trincheira

Rogério Sganzerla

Se todas artes aspiram e dirigem-se à música, o samba (e/é o "blues"), o maior ritmo do mundo — ao qual a música estrangeira recorre e vive dele, ignorando-o, marginalizando-o totalmente —, como formar uma civilização sem (nossas?) coisas nossas nessa terra de ninguém sem boa memória (nacional)?

Resposta de para idealista sofredor: — As causas do esquecimento, relegando a segundo plano cantores como Orlando Silva, Carlos Galhardo, Ciro Monteiro (esse nem se fala, só o público universitário o conhece e por causa do Vinícius), fazem parte da invasão do Brasil de 1950 em diante, à beira da falência cultural, lembra o caricaturista, desenhista pesquisador Miécio Caffé em sua discoteca à rua Vitória, onde, a partir das 23 horas, podem ser encontradas pessoas sensíveis aos 10 mil discos 78 r.p.m., além de LPs, depoimentos, entrevistas; já produziu mais de cem discos e ilustrou capas de gravações recuperadas por ele, que começou em 1950, como "lay out man" das Balas Futebol, aquelas que traziam figurinhas embrulhadas com os craques fracativos da Copa do Mundo no Maracanã (Indício de uma derrota ainda maior...) preparou letreiros para os primeiros filmes da Vera Cruz e colaborou em revistas esportivas.

Hoje, está desiludido: "Que é que nós podemos fazer por esse povo? Só há lugar para Roberto Carlos, Chacrinha, Sílvio Santos, Heve? O público a que é mais dirigida a música brasileira é elitista — público universitário —, não é dado direito ao povo de ouvi-la. Exemplo: temos um programa do governo chamado "Projeto Minerva" — sabe qual a reação do povo quando chega a hora do "Projeto Minerva"? É a mesma da "Hora do Brasil"... O povo não quer só folclore e trovadores, que não há cristação que aguente... quer música... então um programa obrigatório teria que incluir: baião, frevo, xaxado, maracatu.

Na realidade, não há nenhum programa de música brasileira fora do horário regulamentado. Só há música encomendada por multinacionais que na verdade mandam no País. Por isto, hoje os jovens preferem música "pop", discoteca e outros ritmos a se interessar pela música brasileira. Não quero dizer que não tenhamos boa música; ela evoluiu bastante. Temos excelentes compositores — o que nós não temos hoje são cantores — em matéria de cantor o que existe são todos com "aspas". Curiosamente o Brasil tem cantoras sem aspás até hoje, por quê? É inexplicável...

Apenas como exemplo dos nossos "cantores" têm a coragem de gravar uma coisa chamada "Nós somos dois sem vergonha" — não sei qual é o mais sem vergonha — se ele ou o público que ouve submúsica, ou quem sabe compra seus discos. Ninguém desperta para amar a realidade assim: será que ninguém vê que a finalidade é acabar de vez com nossa tradição?

A minha guerra é música brasileira, embora não tenha nacionalidade (é

universal); ou ela é muito boa ou muito ruim... Lembra como os americanos apresentavam-nos como rumbeiros à base de maracas? Já pensou o quanto os americanos devem a João Gilberto, nosso maior intérprete? O João tornou fácil para eles tocar samba... ensinou... hoje qualquer americano sabe tocar samba e não vamos nos surpreender se vierem desfilarem com muita americana rebolando com categoria em nossas escolas de samba.

O turista sabe explorar o verde ouro porque isso é uma mina de ouro; quanto a nós, fazemos exatamente o contrário: entregamos, o ouro ao bandido. Está mais do que provado que o brasileiro esquece fácil; assim como aplaude o ídolo, amanhã é o primeiro a apedrejá-lo. Veja-se o caso do grande cantor das multidões Orlando Silva, obscuro e esquecido no final da vida. Pode-se falar em termos de Brasil: a multidão está pronta a lhe apedrejar assim que a sua cabeça aparecer acima dela. O brasileiro não perdoa o sucesso do brasileiro, a não ser do estrangeiro...

Colonialismo mental: infelizmente somos um povo (abandonado ao próprio azar), completamente fácil de levar.

Ver o caso João, companheiro de infância de Caffé em Juazeiro, aqui crucificado... Passei noites inteiras ouvindo-o como se desfrutasse do néctar do conhecimento unificado, num hotel em São Paulo. Companheiro ultrasimpático, sabe que a inteligência é uma questão de delicadeza e vice-versa. Pois bem, por ser profissional é considerado "difícil" pelos detentores do poder cultural que preferem "cantores" minálginos e bestalhões superados em nome do intimismo de algibeira.

Desde 1965 — continua — fazemos discos de músicas tradicionais imortalizadas por grandes cantores como Francisco Alves, Orlando Silva, Sílvio Caldas, fizemos mais de 100 produções. Ora, veja bem: a gravadora não gastou nada com orquestra, cantores — ela hoje só gasta no preço da capa e disco. Pois nem assim quiseram continuar. Preferem gastar fábulas gravando ao vivo com cantores e conjuntos — acabaram-se as orquestras — a fornecer ao povo um pouco de bom gosto. Quando saía um disco desses, era eu quem ia à gravadora apanhar cópias e levar às rádios. Fazia um trabalho para os divulgadores da empresa. Eis a maior falta de serviço das multinacionais para com nossa música: para elas é mais importante gastar e ganhar dinheiro para assim poder empurrar essa bagulhada que elas não permitem que se ouça lá, nos países de origem. Efetivamente, interessa-lhes que o brasileiro seja cada vez mais subdesenvolvido para poder assim continuar a exploração...

Querem saber de uma coisa? O último refúgio da música brasileira tradicional são os cantores da noite, devido àqueles frequentadores que depois do 3.º ou 4.º uísque vão até eles e perguntam: "Você conhece aquela coisa 'Última Inspiração'?" O cantor da noite é geralmente o maior conhecedor da nossa música. Ele tem decorado, cantado todas as noites, nossa música e por isso é nossa última esperança. Os cantores da noite são a nossa última trincheira.

FOLHA DA TARDE - Sr
25 / 8 / 80

MUSICÁLIA

A.C. REGIS VITA

João Carlos Martins e J. S. Bach

JOÃO Carlos Martins é, sem a menor dúvida, um dos maiores valores do mundo pianístico atual e sempre teve uma acentuada preferência pela obra de J.S. Bach. Nascido em '40, já era quase virtuoso aos 13 anos, mas aos 18 retirou-se para dedicar-se totalmente à análise, estudo e interpretação das 96 peças que constituem o "Cravo bem Temperado" de Bach. Dois anos depois, apresentava no Rio e em São Paulo, em quatro recitais, a versão integral do "Cravo Bem Temperado". Mas sua consagração definitiva foi em '65 nos EUA, em um álbum com sete LPs, intitulado Cravo. A Ariola lança agora a primeira versão das Partitas (ou Suites) completas em execução pianística existente no mercado nacional e valorizando o artista brasileiro. São três discos perfeitos e belíssimos de se ouvir.

Melodia imortal com Carmen Cavallaro

A TRILHA sonora original do inesquecível filme da Columbia — Melodia Imortal (The Eddy Duchin Story) interpretada por Carmen Cavallaro (que dublava Tyrone Power, o Duchin do cinema) está sendo relançada, depois de anos, pela MCA/Ariola. Uma recordação deliciosa com músicas mais deliciosas ainda: To Love Again; Manhattan; You're My Everything entre outras. Uma idéia até bem agradável esta de relançamentos românticos, afinal, o amor NÃO

MORREU, apesar de tanta baderna que anda por aí...

The Orchids

CINCO jovens atraentes que não cantam apenas, mas compõem e tocam. A MCA/Ariola traz o grupo — Laurie Bell (canto, bateria e percussão); Jan King (canto, guitarra e piano); Laurie McAllister (coro e baixo); Sumbie Sinn (coro, guitarra e piano) e Che

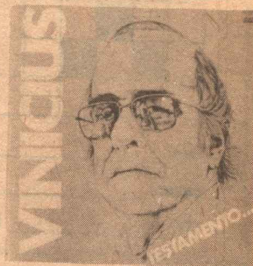
Zuro (canto, guitarra e piano). As faixas mais "quentes" são Daughters of Babylon e Sunshine Fire (puro rock'n'roll). Enquanto Girls e The Boy Can't Dance nos mostram The Orchids num trabalho brilhante, ritmico e bastante lírico. Um Lp dos anos '80...

Vinicius de Moraes

Bob McKay



Este é o 4.º LP da carreira de Bob McKay no Brasil e chama-se Bob McKay at L'Absinthe. O cantor reuniu novos e antigos sucessos de seu ótimo repertório, entre os quais Mr. Lucky, Night and Day, New York, New York, Who's Loving You, além de uma série de calypsos, o ritmo característico de sua terra natal, Georgetown. São 44 músicas neste LP RGE.



Para mim pessoalmente, Vinicius de Moraes não morreu e não vai morrer nunca, e foi com alegria que vi a RGE lançar o LP Testamento, que compila os grandes momentos do compositor-intérprete naquela gravadora. Evidentemente, a escolha do repertório não poderia ter sido mais feliz, pois Toquinho e Vinicius aparecem em todas as faixas, e em algumas com Marília Medalha, Maria Creuza ou Maria Bethânia. Um disco completo...

SHOWS

O RIO EXPLODE EM SEXO

● Há poucos anos, espetáculos como esses que agora fazem sucesso no Rio seriam absolutamente inimagináveis. Ou, no mínimo, convenientemente sublimados pela nossa censurada imaginação. Hoje, os *shows* eróticos dominam as madrugadas cariocas (aliás, madrugada é força de expressão: em alguns casos, as sessões contínuas começam às dez horas da manhã). Sofisticados ou vulgares, eles se equivalem em ousadia. E, podem crer, estão pra lá de Copenhagen...

Os inacreditáveis espetáculos pornô das noites cariocas

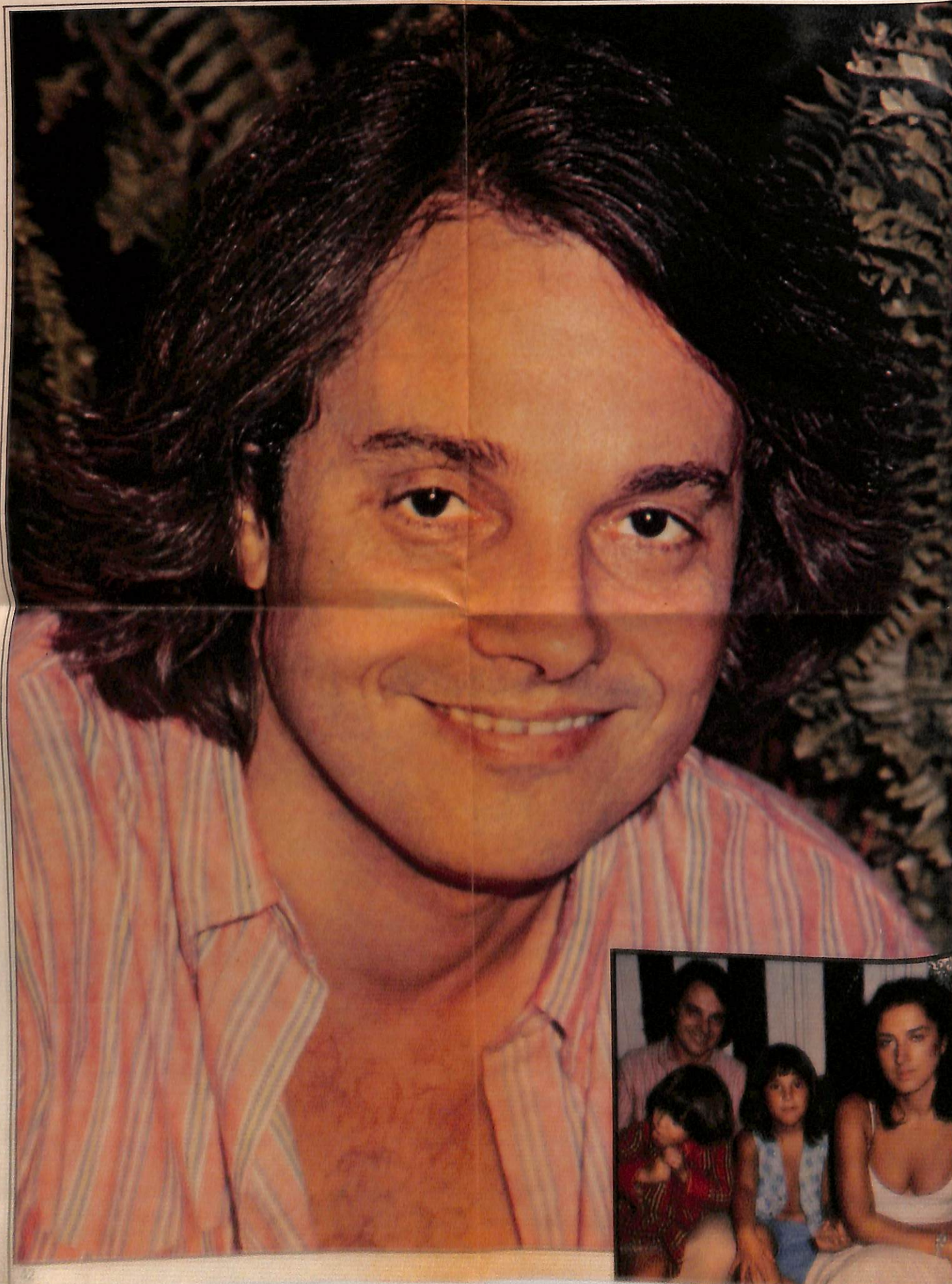
Marli Mendes, foto maior, faz *strip-tease* clássico, enquanto que Alice Bianca, nas fotos de baixo, a Rainha da Praça Mauá, sai de Pilares para fazer a alegria dos frequentadores dos inferninhos do cais do porto e apresenta maior versatilidade que a maioria de suas companheiras.



Cecília Salazar, foto maior, coreógrafa, lamenta "que a nudez, hoje"



Alice Estima e Elisa, foto maior. Elas acabam ditando padrões de beleza.



FRANCIS HIMIE

SENSACIONAL

Compor, para ele, é uma experiência puramente musical, portanto, abstrata. Mas, em termos concretos, trata-se de um *gentleman* (com a simplicidade dos bons fidalgos) neto de inglês, também Francis, de um lado, Melo Franco, de outro, que terminou o colegial na Suíça e fez um curso de quatro anos, de música, em Los Angeles, com Lalo Schifrin e outros *mestres*. Já foi professor também (Sérgio Mendes que o diga). Começou a levar a sério os sustenidos e bemóis já com anel e canudo de papel de engenheiro-mecânico, através de Vinícius, amigo da família, depois parceiro (*Sem mais Adeus, Anoiteceu* etc.). Agora, alguns anos depois, de malas prontas e piano afinado para um giro pelo Brasil afora, pelo *Projeto Pixinguinha*. E um disco novo — o quarto — na praça, à disposição dos muitos fãs fervorosos de seu lance muito pessoal.



Acima, retrato do artista enquanto esbelto. Ao lado, retrato do artista enquanto pai de família (na foto falta uma das três filhas). Retratos de um artista.

● Eu não entendo como é que um cara feito você, que escreve um cartão assim: "Para o meu amor, tudo de bom e o maior sucesso nesta temporada, esse *show* lindo de vocês. Beijos de Luísa, Joana, Maria e Fanca" pra mulher de... de quantos anos?

De casados, 11, do resto, 15 anos, né...
... antes de qualquer coisa: quem é Fanca?
Fanca sou eu... (RISADA)...

... que escreve um cartão assim, que vai até o Bob's ali da esquina pra tomar um *milk-shake* e comer um sanduíche qualquer, pra engordar um pouco mais... e, apesar disso tudo, conseguiu ser parceiro do Vinícius... que não era exatamente alguém que parasse muito nas mulheres, que não bebia propriamente leite... são os opostos, é?

Não sei... eu e Vinícius, Vinícius e eu...
... a barriga está quase igual...
... (RISADONA)... tá não!

E como é que vocês conseguiram fazer músicas tão bonitas, juntos?

Mas será que tem tanta diferença assim... não sei... bem, Vinícius abriu tudo, pra mim, aquele lance de parceiros novos e tal... aquele lance de generosidade dele, da força que ele dava às pessoas, então, sei lá, a gente ficou amigo e tal...

... mas ele era ciumento, em relação aos parceiros, né?

E, ele tinha ciúminhos... sempre teve, a vida inteira... achava que negócio de parceria era meio casamento e tal, aquela fidelidade...

... enquanto durasse...
... enquanto durasse... (RISADA)...

... você fala sempre tanto, do jeito que você está falando?

Tem dias que eu falo mais, mas hoje já fui até a Rádio Nacional, tanto lugar, tem teatro logo mais...

... já falou o que tinha de falar.

Até que não falei muito... mas ando meio cansado, negócio de *show* todo dia... e tem outros lances, negócio de divulgação de disco, arranjos, ainda bem que, de vez em quando, tem um futebolzinho...

... no campinho do Chico...

... mas é uma obrigação como outra qualquer...

... seis contra seis... e qualé sua posição?

Bom, agora estou numa posição muito curi-

"Acho importante criar novas parcerias, mesmo quando parece que a gente encontrou o parceiro ideal"

osa, porque como estou fora de forma, com uns quilinhos a mais, jogo na *banheira*, na ponta esquerda, apesar de só chutar com o pé direito... pra aproveitar, entende... ontem fiz o primeiro gol da tarde e dei passe pro segundo, mas acabamos perdendo de sete a dois...

... quem marcou o segundo?
Um cara lá, tem mil pessoas que pintam...
... você joga no time do Chico?

Não! O Chico tem um time treinadíssimo, afinadíssimo, que joga ensaiadíssimo... eles fazem campeonato todo sábado... o *Polytheama*... com y, th, e tudo...

... era time de botão...
... pois é, mas o Chico, acho que nunca mais jogou botão... ele leva a sério...

... você não leva a sério o futebol, não? Pelo jeito trata-se de um tricolor...

... sou Vasco... desde 48...

... por causa daquele timão...
... inclusive eu era Botafogo, minha família é fundadora do clube... e o Vasco sempre ganhava do Botafogo... e no ano que virei vascaíno, o Botafogo foi campeão, em cima do Vasco...

... você se lembra do time?

Time... não tenho certeza... acho que jogava Barbosa, Augusto, Eli, Danilo, Friaça, Maneca, Ipojuca, Chico...

... você muda de opinião, assim...
... há 32 anos sou vascaíno... e estou com 40... mas eu mudo de opinião... bastante...

... por exemplo... musicalmente... politicamente...

... musicalmente, mudo... politicamente é mais difícil, porque...

... a gente não tem mais o direito de...
... (RISADA)... é...

... se não tem opinião, não tem o que mudar, né...

... e politicamente a gente já estratifica um pouco mais, é um negócio mais sólido, mais... musicalmente, o negócio é mais abstrato, sem tanta importância, né...

... mas a música não faz a cabeça das pessoas?
Faz... mas eu acho que não precisa de uma preocupação tão rigorosa... a gente pode se permitir... política, a gente pensa duas vezes, pensa três, pensa quatro, pra formar uma opinião, será que é isso mesmo e tal... é um negócio mais sólido mesmo...

... é música o que é que é... líquido?
Música... é bem líquido...

... a caminho do gasoso...
... um lance meio etéreo...

... eterno?
Música... não, não é eterna, não, quer dizer, tudo é eterno...

... a música como manifestação artística do ser humano... e as outras manifestações do ser humano...

... nenhuma música é eterna.
Nem a de Vivaldi, Antônio?

Não, porque a eternidade é um negócio meio... claro, tem músicas que resistem séculos, né...

Minha, pra mim, é eterna...
Mas *Minha* tem 17 anos, é uma eternidade curtinha, né... e tem músicas boas que você ouve algumas vezes e depois cansa... não tem o lance de amarrar você, né...

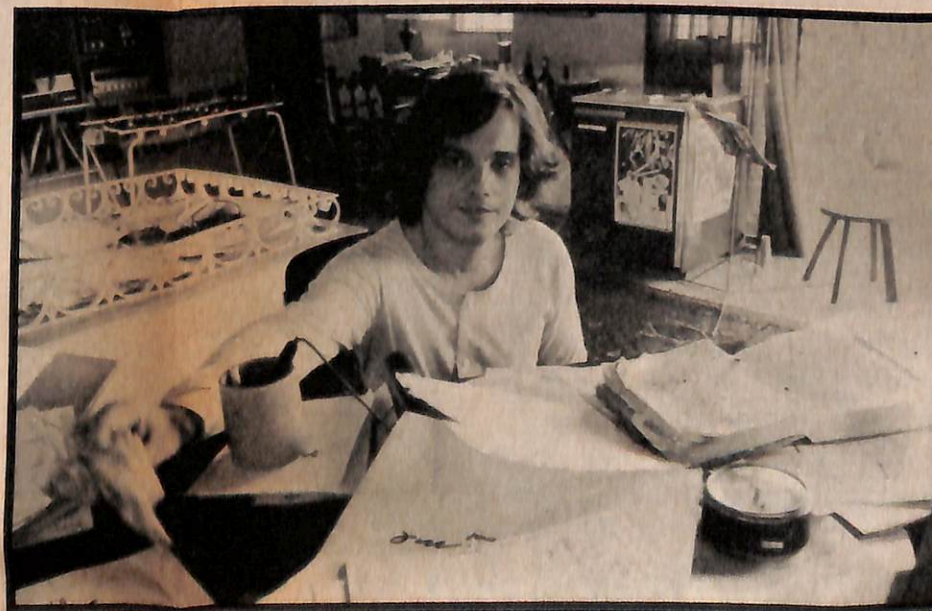
... não sei... esse *Nocturno*, que o Fagner canta, que vai cansar, porque virou prefixo de novela, no entanto, é uma música sensacional...

... você sabe que eu não conheço essa música... devo conhecer...

... mas não está ligando o nome à pessoa...
... pois é exatamente isso que talvez atrapalhe tudo, a repetição dos chamados meios de comunicação... aquele condicionamento pavloviano...

... fica ali até o cara acabar gostando...

“Porque eu acho que o normal para um compositor brasileiro é compor em todas as linhas”



É tudo resultado de um amadurecimento (visível nas fisionomias das fotos). Em tudo, a presença de Olívia também produtora, do último disco de *Fanca*. Sobretudo um compositor full-time, tipo tempo integral.

... por falar em Pavlov, agora que estou sabendo que você é um boêmio...
... até que não sou, mas não sei ir pra casa depois de *show*... a gente fica numa excitação, poxa, sempre tem de ter uma biritinha e tal, antes, durante, aquela tensão...

... eu sempre pensei que você enfrentasse as feras numa de *careta*.

Nunca. Jamais. Sabe que o único *show* que fiz... e me deu a maior felicidade... que fiz *careta*, foi aquele ao ar livre, na Praça General Osório, antes de vocês, da *Banda de Ipanema*, saíem pra inaugurar a placa mudando o nome da Rua Montenegro pra Vinicius de Moraes...

... é que na véspera a gente tinha ido dormir muito tarde, inclusive a *Turma do Funil* pintou na rua onde eu moro, no Jardim Botânico, na base da serenata, uma *zorra* total até seis da manhã, sei lá, aí a gente acordou tardíssimo e eu não estava me sentindo muito bem, não... aí não descia nada... e tocar ao ar livre, praça, sabe, eu curto demais, sou vidrado, então não sinto aquela pressão que sinto às vezes em recinto fechado... deve ter algum lance de claustrofobia aí... teve até uma época que eu bebia tanto, antes de entrar em cena, mas era tanto nervosismo que a descarga de adrenalina anulava tudo, aí eu acabava entrando *careta* mesmo... aí comecei a *manerar*, dois, três ou quatro, antes e tal... mas de qualquer maneira, fica um lance que eu passei a dizer que só bebo em serviço...

... quer dizer que não se trata de um bebedor social e sim de um bebedor profissional.

... que depois do *show* quer ser um bebedor social... que não quer usque, quer chope... a não ser quando estou fazendo regime, porque chope é fôgo...

... pelo que estou vendo, você não está...
... não estou há muito tempo... mas ainda vou voltar, perder uns 10 quilos por aí, de...

... aquela de levar um terno legal...
... individual, duas vezes por semana...

... pelo jeito, há muito tempo...

... minha balança quebrou...
... então, você faz de conta que não sabe que está gordo...

... não... a Olívia também vive fazendo regime, por sinal agora está bem magrinha... mas ela não precisa da balança e eu preciso... vejo lá... pô, 82 quilos, aí corto pão, massa...

... e a boêmia?
Eu não sou boêmio, não. Gosto de ficar em casa, vendo televisão, sei lá, lendo jornal, não fazendo nada... adoro não fazer nada, quando a cuca tá boa, né, quando a cuca tá ruim...

... sem fazer nada, é?
Sem fazer nada, Mas é raro isso.

Porém, pensando.
É... pensando...

...você consegue não pensar em nada?
Não...

... porque eu não consigo...
... mas às vezes a cuca tá tão tranqüila que eu consigo... não deixar de pensar, mas ficar sonhando, divagando, sei lá, as coisas boas, assim, não pensar nos compromissos, nas angústias, no que vai acontecer, nas coisas que você tem de fazer, nas coisas que você devia ter feito, sei lá, ficar numa de curtir 10 minutos, um pouquinho de vida... aí é bom paica, mas isso é raro... mas eu me refugio mesmo é no trabalho, menos no relacionamento com as pessoas...

... você já fez análise?
Eu faço e paro, faço e paro, faço e paro... agora foi engraçado, porque eu estava fazendo análise, parei porque ia começar a fazer o disco, dificuldade de horário e tal...

... mas você faz análise mesmo, aquela onda de deitar e tudo...
... não...

... aquela de levar um terno legal...
... individual, duas vezes por semana...

... pelo jeito, há muito tempo...



... cantor, compositora, agora

... não... isso começou com uma terapia que eu fazia com Olívia, uma terapia de casal... de repente, ela faz análise de grupo, há uns seis ou sete anos... aí eu fui...

... mulher?
É. Sei lá. Eu fugi muito. Às vezes até por problemas financeiros...

... realmente está caro...
... às vezes quando começam a doer as nossas feridinhas lá do fundinho, eu começo a me achar mais inteligente do que o analista... fuga braba, claro... mas jamais com mulher, que tirante a cama e o fogão, não tem maiores serventias...

... nunca tinha me passado pela cabeça, fazer análise com mulher, mas de repente comecei a pintar umas analistas mulheres aí... aí, quando a coisa se apresentou, achei normal... mas daí parei, por causa do disco... foi até engraçado, no dia do coquetel de lançamento e ela foi lá, me pediu um autógrafa no disco e sugeriu a gente recomenciar a análise... minha vida inteira recomendando análise...

... mas esse negócio de terapia de casal, funciona?
No caso...

... sem entrar na chamada privacidade, eu perguntaria: pintou algum problema?
Não era um problema específico nosso, era um problema mais relacionado com a educação dos nossos filhos...

... filhas...
... são três mulheres...

... você não gosta de homem por quê?
Preconceito?

Não sinto. Mas... talvez... se tivesse um quarto, talvez... engraçado, quando nasceu a primeira, a segunda, na terceira vez eu pensei "bom, agora pode ser um homem"... não foi... daí pintou problemas em relação à educação

delas, porque isso tudo está muito relacionado à vida do casal... seria mais recomendável eu fazer a minha análise, já que Olívia já fazia...

... e as meninas são bem-educadas, Sionpadrão?

Acho que sim, são. Cada uma com sua mentalidade, seu temperamento, seu tempo... educar é difícil, muito difícil...

... você foi bem educado?
Eu? Não sei... acho que não...

... filho único?
Não. Tenho irmãos. Do primeiro e do segundo casamento de meu pai. Mas minha educação foi muito presa, né. Mas meus pais se separaram muito cedo, eu tinha nove anos... quer dizer, pra mim já foi tarde, porque eles brigavam muito... depois que eles se separaram, continuaram se vendo... de repente tinha aquele lance de ter de enfrentar meu pai em defesa de minha mãe, sabe... um jogando um contra o outro, aquele negócio...

... isso marcou? Na música.
Não sei... não sinto assim muito... quer dizer, deve ter influenciado, porque... mas não sinto, no consciente... mas quem sabe, em mil coisas, insegurança, de repente você larga tudo pra fazer Engenharia, com quase 30 anos de idade...

... você é engenheiro...
... formado, com diploma e tudo...

... civil?
Mecânico. De repente não consegui *peitar* a coisa. Precisei do diploma pra me convencer de que meu negócio era música mesmo...

... e a terapia de casal?
Sei lá, às vezes as pessoas não se questionam muito... num sentido não de pensar em separação, mas de ficar até mais unido...

... no lance de parceria, acontece isso também?
Num grau muito menor, quer dizer, aparentemente... mas acontece... acontece... eu acho muito importante o cara criar novas parcerias, mesmo quando parece que a gente encontrou o parceiro ideal... sobretudo quando a gente pensa que encontrou o parceiro ideal... porque aí corre-se o risco de ficar estagnado, um prejudicando o outro, até. Até no meu caso, que me considero privilegiado em matéria de parceiros, sei lá, tenho de procurar outros caras... é difícil se começar uma nova parceria, né... às vezes você encontra um parceiro que só depois de alguns anos, através de um distanciamento...

... brechtiano...
... de um conjunto de obras...

... às vezes tem uma fórmula que deu certo... você pega, por exemplo, sei lá, Antônio Carlos & Jocafi... em menor grau, você vai me desculpar, mas durante uns 10 anos, Toquinho e Vinicius fizeram a mesma coisa... no entanto, você pega Ivan Lins e Vitor Martins: cada coisa que eles fazem, fazem diferente... e melhor...

... olha... quase todo mundo tinha essa ideia de Toquinho e Vinicius... não sei, pode ser até o lado afetivo, mas a obra deles me passa, não me dá essa impressão. Eles me dão a impressão de que não tinham essa preocupação de renovar... tinha muito aquilo de produção em série, né... inevitavelmente isso resulta em coisas boas e em coisas... né... muitos boas, claro...

... eu apenas acho as músicas deles meio parecidas... na verdade, prefiro Vinicius-poeta ao Vinicius-letrista...
... talvez tenha sido prejudicial justamente nesse sentido, de eles terem ficado muito tempo juntos... de repente seria importante Vinicius estar compondo com outros caras e Toquinho com outros...

... Vinicius não ficou 10 anos com ninguém... nem parceiro nem mulher...

... a não ser em casos raríssimos, de parceiros que vão se questionando, senão pinta estagnação... no caso do Ivan Lins e do Vitor Martins soa mais como se houvesse mesmo uma renovação... mas eles estão transando há quanto tempo, uns três anos, no máximo...

... você quer dizer que, se eles continuarem juntos...
... não estou dizendo nada... mas dou um exemplo: eu faço música com o Chico há oito anos...

... mas com intervalos...
... nos quais faço música com outros e o Chico faz com uma porção de gente... tem gente que diz: "pô, encontrei o parceiro ideal"... Chico, rapaz, quer parceiro melhor pra um músico popular do que o Chico?

Não sei... quem sabe, Villa-Lobos, Goethe, Carlos Imperial...
(GARGALHADAS)

... mas, na verdade mesmo, gosto é daquele seu elepê que tem umas janelas velhas na capa...
... esse foi o primeiro, a foto até foi tirada no Mangue...

... antes dos homens tirarem até a possibilidade da gente eleger a mulher-do-dia, ou seja, a própria negação da Pasárgada, onde quem é amigo do rei, tem pelo menos a mulher que quer, na cama que escolherá... Bandeira que perdoe estes tempos de agora e nos informe, parapsicologicamente, se do lado de lá tá o mesmo sufoco...

... era um disco que sintetizava 10 anos de carreira... com todas as características de um primeiro disco... já os outros três, acho que têm uma continuidade... em *Passaredo*, por exemplo, minha preocupação foi me diversificar, com canções, sambões, pesquisando muito o lado rítmico, quase desprezando o lado harmônico da coisa... de *Passaredo* pra cá, passei a explorar mais esse lado rítmico... e neste último disco acho que cheguei realmente ao ponto que estava buscando: baião, samba, uma valsa espanhola, uma marchinha brejeira, chorinho, samba-canção... e nada parece deslocado, porque de repente comecei a explorar as várias facetas musicais minhas... pelo fato de eu ser um compositor que vive no Brasil, ou seja, vive das coisas brasileiras, com essa variedade musical tão generosa, acho um pouco forçado o cara só compor numa linha, achando que aquilo que é o forte dele... porque eu acho que o normal, para um compositor brasileiro, é compor em todas as linhas...

... é pena que música popular não tenha 1.001 utilidades, como o petróleo, por exemplo, senão a gente seria mais rico do que árabe... já pensou um sambódromo pintando no pedaço?

E tem gente que acha que a gente não pode fazer certas coisas... eu, por exemplo, não nasci no morro, então não posso fazer *sambão*...

... não é pau-de-arara, então não pode fazer forró...
... inclusive esse lance da *Quadrilha*... eu disse pro Chico que não ia botar no elepê porque já tinha gravado em *compacto* e tal e perguntei por que ele não gravava. Ele: "Acho que não tem muito a ver". E é uma coisa que a gente incorpora meio sem pensar. Por que não tem muito a ver? Acho que só tem a ver, né? É aquele lance da *unidade* de que os músicos falam, que tem mais a ver com cantor, que tem mais necessidade de uma linha certa, não com o compositor.

Falou, *Fanca*!



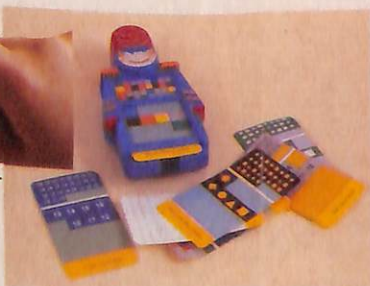
Genaro Jener

Chinelo de PVC.

Em seis cores — marrom glacê, guaraná, eucalipto, água viva, campari e grafite —, está nas lojas o novo lançamento da Strassburger: o chinelo de PVC injetado. Custa 350 cruzeiros (*).



Um miniôrgão eletrônico. Desenvolvido nos EUA e fabricado pela Hering, é do tamanho de uma calculadora portátil. Emite sons (duas escalas cromáticas, ou oitavas) ao ter pressionadas as diferentes zonas de seu mostrador, cada uma correspondendo a uma nota. Para facilitar o uso, vem com seis cartelas de duas músicas cada uma, com as seqüências coloridas referentes às áreas a serem pressionadas. É o Cadete, à venda por cerca de 1.500 cruzeiros (*).



Fotos: Iugo Koyama

O Compasso d'Oro de 1979.

Propondo novos usos-objeto, a designer italiana Cini Boeri criou a linha Strips, uma série de poltronas, sofás, sofás-cama e camas — móveis simples, não pretensiosos, compostos de monoblocos de espuma de poliuretano fixado em base de madeira, com rodas ou pés. O revestimento é de dacron preso com zíper, para poder ser lavado. A linha deu à designer o Prêmio Compasso d'Oro em 1979 e está sendo fabricada pela Forma. O sofá de encosto alto custa 48.300/54.400 cruzeiros (dependendo do revestimento), o de encosto baixo 43.500/48.700. É um exemplo, pois as opções são muitas (*).



Prático, para levar e para usar.

Com botão para sintonia fina e dois LEDs (Light Emitting Diode) para indicar a sintonia, o nível de gravação e a carga da bateria, este radiogravador da Sony Motoradio reproduz com alta fidelidade e potência de 2,3 W. Funciona com tomada de corrente ou a pilha, grava com microfone embutido ou direto do rádio, que é equipado com três faixas: FM/MW/SW. Nas lojas, por 12 mil cruzeiros(*).



Pensando no verão.

A moda para o verão mudará muito. Continuam as listras, agora mais suaves e harmoniosas, como persistem a meia malha e a suedine entre os tecidos. As linhas vão destacar ainda mais a figura feminina, procurando manter a versatilidade do uso. Um exemplo é este modelo da Malibu, em meia malha. Nas lojas, por 1.200 cruzeiros(*).



Sérgio Berezovsky

(* Os preços assinalados correspondem aos sugeridos pelos fabricantes as lojas fechando portanto margem de lucro da ordem de 30%).

■ Nos Estados Unidos, onde morou sete anos, seu professor de regência e canto lhe aconselhou: "Quem tem uma voz como a sua não deve fazer outra coisa senão cantar". **Marina** seguiu o conselho e está brilhando. Seu primeiro LP, *Simple como fogo*, foi recebido com entusiasmo pelos críticos mais exigentes. E Wladimir Soares, do *Jornal da Tarde*, afirmou: "Marina junta a facanha de compositora e instrumentista em busca de novas formas, agradáveis e comunicativas". O segundo LP, *Olhos felizes*, que está sendo bastante executado nas rádios, confirma a sugestão do professor e a boa acolhida da crítica: tem músicas compostas por ela, Caetano, Gil, Rita Lee e Antônio Cícero. Com 24 anos, carioca de Ipanema, ex-candidata ao Curso de Psicologia, Marina não passou por programas de calouro nem tem história triste para contar: "Acho piegas revelar dramas para ser querida. O que interessa é o valor do meu trabalho e não minha vida particular". Ela começa a ensaiar um *show*, no próximo mês, para apresentá-lo em várias cidades do país.



Keljo Kobayashi

■ A jornalista **Maria Helena Barata** faz mais sucesso com o que cozinha do que com o que escreve. Embora escreva bem, cozinha melhor ainda. São tantas suas habilidades culinárias que o Banco do Brasil a levou para preparar o almoço com quinhentos convidados na inauguração de uma agência em Cingapura, em

Helena tem rejeitado insistentes convites de profissionais de relações públicas, *designers* e arquitetos para abrir um restaurante. "Gosto de cozinha só como fazer. Faço comida sem seguir receita, apenas sentindo o cheiro, a textura, vendo a cor. Cozinha, pra mim, é alquimia." Modesta, ela dividiu a tarefa do almoço de lançamento da coleção de poltro-

nas Strips — Prêmio Compasso d'Oro do ano passado na Itália — com outros *gourmets* famosos: Attilio Baschera, Norberto Nicola, Giovanni de Bourbon, Wolf A. Wolf e o colonista Daniel Más. Não bastasse a quali-

dade do *menu* servido, a recepção da Forma ainda contou com objetos da Arte Aplicada e quadros da Galeria Luiza Strina.

■ O poeta gaúcho **Mário Quintana** interromperá o ritmo pacato de sua vida em Porto Alegre para assinar autógrafos em São Paulo. Ele estará, dia 23 de agosto, no *stand* da editora L&PM, na Bienal do Livro, lançando seu *Esconderijo do tempo*, 49 poemas que falam da vida, da morte e da infância. Com 74 anos, Quintana define a poesia como "a invenção da verdade". Apesar de detestar entrevista, por temer ser mal interpretado, ele nem cogita da possibilidade de o leitor não entender seus poemas: "Quando um leitor não entende um poeta, só pode ser porque um dos dois é burro".

■ O administrador de empresa **Jacques Ardiès** agora se dedica ao que mais gosta: as artes plásticas. Abriu uma galeria de arte no bairro carioca da Urca, a Jean-Jacques, e inaugurará no próximo dia 26, em São Paulo, outra com o seu nome. Em ambas, a atração é a pintura dos primitivos. Onze artistas estão expondo na galeria do Rio e a de São Paulo apresentará cinquenta trabalhos de Ivaldo e Paulo Wladimir. Belga, 31 anos, há cinco radicado no Brasil, Jac-

■ Consagrado por suas criações na música, no teatro e pelas incursões na literatura, **Chico Buarque de Hollanda** virou tema de cinema. O diretor Maurício Beru está preparando o lançamento de *Certas palavras com Chico Buarque*, uma autobiografia do compositor com duração de 105 minutos, em cor, e filmada no Embu, em São Paulo e no Rio. *Certas palavras* tem mais de vinte composições consideradas as melhores na carreira artística de Chico e interpretadas pela irmã Miúcha e seus amigos, que também depõem sobre Caetano, Bethânia, Vinícius (sua última aparição), Toquinho, Francis Hime, Ruy Guerra e Cida Moreira. O primeiro LP de Chico pela Ariola vai ser lançado no início de 1981: será a gravação de um *show* que ele fará com Milton Nascimento.



Sergio Berezovsky

1978. Sabendo disso, os jornalistas de São Paulo não perdem os almoços que ela organiza na Forma, empresa em que trabalha há doze anos no departamento de comunicação. Louca por pratos de peixe e agora entusiasmada por alimentos naturais, Maria

VAI & VEM

■ O lançamento dos óculos criados por Guilherme Guimarães para a Fiat-Lux, no final de setembro, vai marcar a estreia de **Antônia Mayrink Veiga**

como modelo profissional. Habituada às passarelas de desfiles beneficentes e também a posar para revistas sofisticadas, Antônia ficou muito à vontade dian-

te da câmara fotográfica, na semana passada, na Boate Gallery, em São Paulo. Carioca, vinte anos, filha do colunável casal Tony e Carmen Mayrink Veiga, ela não diz quanto ganhou por esse trabalho, mas revela alguns itens que fez questão de impor no contrato: não posar de biquíni, os anúncios só serão publicados em revistas de categoria e não serão veiculados em *outdoors*. O que espera da vida uma moça rica e linda? "Estudar História da Arte no Museu do Louvre, em Paris; viajar muito por países diferentes como o Japão e a Índia; casar e ter mil filhos, porque adoro criança."



■ Indiferente à onda de pornochanchada que grassa no cinema brasileiro, o cineasta **Francisco Ramalho Júnior** prossegue o rumo sério que tem marcado seu trabalho de diretor. Depois de *A flor da pele*, *O cortiço*, *Anuska*, *manequim e mulher* e *Caramuru*, vai estreiar sua última produção:



Sergio Monte Alegre

Ricardo Malta

■ Quem está no Brasil é o *chef* francês **Pierre Troisgros**, que veio ministrar cursos de gastronomia no Clube Gourmet, do Rio de Janeiro, e no Maksoud Plaza, de São Paulo, convidado por José Hugo Celidônio. Pierre comanda, ao lado do irmão Jean, um dos seis restaurantes franceses distinguidos com a nota máxima pelo guia *Gault-Millau*.

■ **Jô Soares** está em São Paulo com seu espetáculo *Viva o gordo e abaixo o regime*, em cartaz no Teatro Procópio Ferreira, depois de dois anos de apresentações no Rio de Janeiro, onde foi visto por mais de 250 mil pessoas.

■ Tendo boa acolhida de crítica e de público o romance *A parreira*, da escritora gaúcha **Lys Luft**. Trata da angústia existencial da mulher e da solidão humana.

■ Certa de que sua vida merece registro, a atriz **Betty Faria** vai escrever um livro. Promete contar o que sabe desde os tempos de vedeta dos *shows* de Carlos Machado até sua participação na novela *Água viva*. Betty garante que não omitirá nada. O livro pode virar filme. *Et pour cause...*

■ Mesmo convidada para fazer cinema e TV, **Lilian Lemmertz** preferiu percorrer as principais capitais do Brasil trabalhando na peça *Patética*. O giro começa por Curitiba e termina em Belém.

■ Assim que inaugurar em São Paulo o mais moderno *shopping-center* do Brasil — O Eldorado —, o empresário **João Alves Verissimo** começará a construir outro, o Eldorado de Campinas.

■ Já foi lançado *Alice no 5º diédro*, o segundo livro de **Laurita Mourão**, filha do general Olympio Mourão Filho.

■ **Aldine Müller** agora divide seu tempo entre as filmagens de *Con-sórcio de intrigas*, de Miguel Borges, no Rio de Janeiro, e o Restaurante Seiva, que possui em São Paulo, cujos pratos são feitos com alimentos naturais.

■ **Elizeth Cardoso** está comemorando 45 anos de carreira artística, iniciada em 1935 no *Programa suburbano*, da Rádio Guanabara, onde se apresentava com Noel Rosa.

ques evita o termo "primitivo", chamando-o de *naïf*, que em francês significa ingênuo: "Talvez por ser uma pintura que não requer técnica muito elaborada e ter aparecido tanta gente fazendo pintura primitiva, o termo se desgastou. Mas uma coisa eu garanto: nas minhas galerias, só trabalhos de boa qualidade serão expostos". Jacques pretende levar exposições de artistas brasileiros para a Europa.

■ Ex-baterista dos *shows* de Gal Costa, **Naná Vasconcelos** trocou a bateria pelo berimbau e se deu muito bem. O saxofonista argentino Gato Barbieri, impressionado com o som tirado do curioso instrumento, convidou Naná a viajar pelo exterior. O ex-funcionário da Prefeitura do Recife aceitou e, depois de se apresentar em Buenos Aires, Stuttgart e Paris, encontrou o sucesso definitivo em Nova Iorque. Seu disco *Saudades*, gravado com a Orquestra Sinfônica de Stuttgart, recebeu quatro estrelas e meia da revista *Down Beat* e cinco de uma revista japonesa especializada em música. Proprietário de um estúdio e de uma editora musical, Naná está prolongando sua estada no Rio, onde veio como atração do Rio Jazz Monterey Festival. Embora esteja muito bem no exterior, garante que voltaria se tivesse as condições de lá: "Se peço uma orquestra e outras coisas para gravar, me dão tudo".

25 / 08 / 80

MULTIPLA ESCOLHA

VINIcius DE MORAES — O psiquiatra e escritor Alberto Lohmann lerá sua crônica ternária e averbal sobre Vinicius de Moraes, com audição de músicas, declamação pelo poeta, na reunião mensal da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, amanhã, às 20h30m, na sede da entidade — Avenida Mem de Sá 197.

ARTE CONTEMPORÂNEA — O professor Detlef Noack, da Academia Superior de Artes de Berlim, fará um ciclo de palestras dias 1, 2 e 3 de setembro, às 18h, no auditório da Universidade Santa Ursula — Rua Farani 42, sobreloja. As inscrições, gratuitas, podem ser feitas na Rua Fernando Ferrari 75, sala 211, prédio 2, Centro de Arquitetura e Artes. Patrocínio do Instituto Cultural Brasil-Alemanha.

SAÚDE — De hoje a sexta-feira, o Centro de Saúde Comunitária e o Centro de Estudos do Posto de Assistência Médica Henrique Valadares, do Inamps, promoverão uma programação comemorativa dos 33 anos do Posto. A programação começa hoje, às 15h, com abertura pelo diretor do posto, Antônio Rachid, seguida de palestra sobre "Queimaduras", pelo médico José Henrique da Silva; participação do grupo dos aposentados e filme: "Carnaval submarino". Amanhã, haverá "Hora de arte" às 15h, com canto lírico, música popular, choros e obras renascentistas, seguida de

palestra do padre Antônio Pagliaro sobre "Espiritualidade e saúde".

PUBLICIDADE — No Liceu de Artes e Ofícios, de hoje a sexta-feira, das 14 às 18h, será realizado o 3.º Seminário de Publicidade e Propaganda, com a presença de Carlos Eduardo Novaes, Abraham Medina, Pedro Still, Ricardo Palmieri e Anídia Martins Rodrigues. Inscrições gratuitas na Rua Frederico Silva 86, próximo à Igreja de Santana.

TEATRO MÁGICO — A Escola de Artes Visuais do Parque Lage está recebendo inscrições para o curso "Teatro mágico", que o mímico argentino Olucaro Ocimotana dará a partir de 2 de setembro, das 18 às 20h, às terças e sextas-feiras, no local — Rua Jardim Botânico 414.

CONTROLE DE QUALIDADE — Começa amanhã, no Centro de Tecnologia da UFRJ, o Curso Básico de Controle de Qualidade, para engenheiros e demais profissionais interessados da área. Aulas às terças e quintas-feiras, das 18h30m às 21h30m, até 9 de outubro. Informações e inscrições na Decania do Centro de Tecnologia — Ilha do Fundão. Telefones: 280-9593 e 280-9322 ramal 112 ou 252-8889 (Centro).

RADIOLOGIA — A Sociedade Brasileira de Radiologia fará realizar de 22 a 25 de outubro, no Centro de Convenções do Rio Othon Palace Hotel, a 15.ª Jornada de Radiologia do Rio

de Janeiro e o 6.º Encontro de Residentes em Radiologia. O principal conferencista será o professor Sidney Wallace, de Houston, Texas. Informações na secretaria da entidade — Rua Visconde Silva 52, sala 902, Botafogo, telefone 266-8990.

ARQUITETURA — A Fundação Mudes e o Museu Histórico Nacional estão promovendo um curso de oito palestras sobre arquitetura contemporânea, proferidas pelo professor Almir Paredes Cunha. As palestras são realizadas às terças e sextas-feiras, das 18 às 20h, no auditório do Museu — Praça Marechal Ancora (entrada pela Rua Santa Luzia). O curso irá até 16 de setembro. Informações na Mudes — telefones 232-2328 e 232-2327 (à tarde).

TREINAMENTO EMPRESARIAL — De 15 a 19 de setembro, das 18 às 22h, será realizado um seminário profissionalizante de treinamento empresarial em Realengo. Inscrições até sábado nas Faculdades Integradas Castelo Branco — Avenida Santa Cruz 1655.

UROLOGIA — O Colégio Brasileiro de Cirurgias (Rua Visconde Silva 52/3.º andar — Botafogo) promove curso de Atualização em Urologia, de hoje até o dia 29, das 20 às 22 horas, com a participação dos Serviços de Urologia dos Hospitais Sousa Aguiar e Miguel Couto. Informações pelos telefones 286-3795 e 286-8497.

ALCIONE

A liberdade para gravar o que gosta

ANTONIO CHRYSOSTOMO

No momento em que lança seu sexto Lp, "E vamos à luta", a cantora Alcione está também comunicando ao meio artístico uma decisão em sua carreira: na semana passada, ao ser procurada pela Tv-Globo para falar do novo contrato, resolveu que não renovará, deixando amigavelmente o comando do programa "Alerta geral", que lhe firmou a popularidade durante dois anos de atividade ininterrupta. Talvez por seu disco

anterior, "Gostoso veneno", ter vendido a apreciabilíssima cifra de 500 mil cópias, o atual inclui outra novidade igualmente significativa na carreira da cantora — pela primeira vez ela foi a total responsável pela escolha do seu repertório. Quer dizer, chegou ao time escasso dos grandes vendedores que recebem da gravadora a liberdade de cantar — e gravar — exclusivamente o que afinar com o seu próprio gosto, intenção, sensibilidade, sem as tão decantadas injunções comerciais que sempre marcam os períodos iniciais de ascensão dos intérpretes em lançamento.



Com Angela Maria, durante o programa "Alerta geral"

Segura, Alcione dá uma prévia do que é o disco, numa audição de fim de tarde em seu apartamento — de andar inteiro — em Copacabana. Ali é o seu reino, cheio de brilhos e cores, à sua imagem e semelhança. Faixa por faixa, explica o que queria dizer, porque escolheu tal ou qual música para o seu Lp. Sabe o que quer, sem dúvida. Ao longo de 11 anos de trabalho aprendeu a escolher. Qualitativamente é um dos seus melhores discos (talvez o melhor), mantendo uma de suas marcas fundamentais: sem abandonar o samba, o repertório é eclético, reúne estilos, épocas e andamentos rítmicos diversos. Liberta, ela pode incluir dois compositores de sua particular admiração — o carioca Cartola e o baiano Tião Motorista — que nunca tinha gravado anteriormente. Mais: levou Cartola para o estúdio e conseguiu com que ele, que não se considera — e não é — cantor, gravasse um trecho de sua música, "Só eu sei", como participação especial. De Tião Motorista, gravou um samba antigo, "Cheguei tarde", feito há dez anos mas — como a maior parte do repertório deste compositor sempre meio esquecido por morar na Bahia — ainda inédito. Dos autores já incluídos em discos anteriores, escolheu músicas de Gonzaguinha, Paulinho Rezende, Reginaldo Bessa, Roberto Correia e Sílvio Som, dentre outros.

Fez ainda mais: colocou os oito músicos do conjunto "Toda transa", que a acompanha há anos, na foto de capa, ao seu lado, numa atitude rigorosamente única entre as grandes estrelas do disco no Brasil. Só uma idéia teve de ser adiada: o convite a Carmen Costa, um de seus ídolos, para cantarem juntas uma faixa, possivelmente o "Quase", grande sucesso da veterana:

— Primeiro, Carmen estava em São Paulo e eu não conseguia o endereço. Depois andei atrás dela aqui no Rio, sem resultado. Agora ela teve esse enfarte. Mas não há de ser nada; ano que vem, se Deus quiser, estaremos juntas no meu próximo disco. Adoro a Carmen e acho que se os grandes, como ela e Cartola, não tivessem batalhado, os caminhos não estariam abertos para a minha geração artística. Você sabia que no tempo deles sambista era encarado como marginal, prostituta, essas coisas?

Encerrada a audição do disco, Alcione começa a falar, com a fluência de quem, hoje em dia, tem uma biblioteca sobre música popular em casa, de quem lê e indaga para se informar sobre o que veio antes dela, para saber da importância de gente como Carmen e Cartola.

— Essa sua saída do "Alerta geral" foi de caso pensado? Por quê?

— Pensei muito mesmo antes de dizer aos meus amigos da Globo que preferia não continuar como apresentadora do programa. Parei com o "Alerta" porque tudo tem um limite, um começo, meio e fim. A gente tem de saber parar para não se gastar, não ir além daquilo que se pode dar de melhor. Eu admiro muito a estabilidade artística do Roberto Carlos e da Maria Bethânia, por exemplo. Acho que são os dois artistas mais inteligentes que conheço, porque sabem quando parar e como fazer as coisas, quando parar e quando recomeçar. Me preocupei em usar a televisão, não deixar que ela me usasse. Acho que ambas as partes ficaram satisfeitas.

— Nesse caso o programa foi positivo, não é?

— Só foi! Na minha carreira foi fundamental! No geral acho que contribuímos muito para melhorar a situação da música brasileira dentro do mercado nacional. Sabe

como é; sempre vamos sofrer a concorrência desigual da música estrangeira. O "Alerta" surgiu numa hora em que os meios de comunicação estavam entupidos de música de discoteca. Ou bem ou mal uns podem gostar ou não do que fizemos no programa. Mas ninguém pode negar que chegamos no momento exato, que fomos o pulmão da música brasileira na televisão, principalmente numa emissora como a Globo, que cobre o Brasil de ponta a ponta.

(Em dados objetivos: durante dois anos, uma vez por mês, Alcione apresentou o programa, num total, devido a algumas alterações de programação, de 17 edições. Setenta e dois artistas passaram pela escalação, de Vinícius e Tom a Maria Bethânia, Gal, Clementina e Nelson Cavaquinho, chegando a Cauby, Marlene e Emilinha.)

— Fora do Rio e São Paulo a repercussão de tal programação foi grande?

— Foi maior do que nos grandes centros. Durante esses dois anos andei sem parar pelo Brasil interior, fiz shows do Acre ao Rio Grande do Sul. Onde eu chegasse as pessoas queriam saber dos outros artistas que se apresentavam comigo na televisão. Teve até caso de gente simples, de cidadezinhas perdidas no mapa, que me perguntavam se o programa não era "filmagem, de mentirinha", se aqueles artistas todos realmente existiam, não tinham morrido etc. Vê só a desinformação! Sente por aí o trabalho que o "Alerta geral" prestou à música brasileira, poder dizer que este ou aquele artista que tem pouco acesso à televisão existe, está vivo, cantando como sempre cantou.

Um projeto muito antigo: ter um filho

— Daqui para a frente a carreira prossegue sem TV?

— Claro que não. Só que vou aparecer menos, de acordo com o que combinei com o pessoal da Globo. Condoríamos que dei muito de mim nesses dois anos. Então agora o negócio é dosar melhor as aparições. E tenho também uns projetos particulares para resolver.

Um desses projetos Alcione já anunciava dois anos um show no

Alcione: um repertório eclético



Canecão, supermontado, cuidado nos mínimos detalhes de roteiro e realização. Esta semana todos os contatos foram refeitos: o roteiro será de Ronaldo Bôscoli, a direção de Augusto César Vanucci. Até a data já foi acertada. Estréia dia 6 de janeiro do ano que vem.

Otro projeto — mais que projeto, "um velho sonho, bastante pessoal", segundo a cantora — é o de finalmente ter um filho.

— Não sei se esse filho vem mesmo. Quando pintar, pintou. Mas eu e o Gino o marido, um engenheiro italiano com quem Alcione vive muito bem talvez porque ele pouco participe de sua vida profissional) queremos muito esse filho. Tenho um lado maternal muito desenvolvido. O Gino também é um superpai. Se o filho não vier agora, quando a gente está com um pouquinho mais de tempo vago não faz mal. Nem que seja adotado um dia ele vem, porque filho não é aquele que nasce da gente, mas sim o que a gente cria.

Depois de três anos de viagem contínuas, com a média de 100 apresentações ao vivo a cada 12 meses por todo o país; o lançamento de um Lp por ano; as gravações mensais para a Tv; as intensivas agendas de entrevistas para jornais e rádios, depois de "todo esse corre-corre muito louco", Alcione parece mesmo mais tranqüila. Em casa, ao invés dos penteados elaborados, os cabelos simples, um novo corte "bem curtinho e funcional"; sem os tamancões de plataforma, os pés estão descalços. Até mesmo a roupa se reduziu a um desses macacões esportivos, de malha cinza, bem larga e confortável. O rosto lavado, sem pintura alguma, parece remoçado. Encontrou até tempo para cumprir um roteiro sentimental há muito pretendido, sempre adiado: na semana passada, tirou um dia para visitar os seus ídolos, levar pessoalmente os convites para a festa de lançamento do disco. Pela manhã esteve na casa de Carmen Costa — de quem finalmente conseguiu o endereço — em Jacarepaguá; à tarde foi ver Cartola.

— A Carmen teve esse enfarte, eu sei que não vai poder ir à festa. Mesmo assim deixei o convite com a filha dela, junto com um bilhete em que faço o pedido para que ela grave comigo no ano que vem. O Cartola deve ir à festa, estou esperando ele lá. Artista tem de ser assim. Tudo junto, sem diferença de geração, credo ou idéias pessoais. Na hora de falar mal da gente — porque tem gente que ainda pensa mal de nós — os que falamos nos chamam todos de "artistas", como se essa palavra fosse um nome feio. Então por que a gente vai brigar? O negócio é todo mundo junto, para poder trabalhar e criar em paz.



A MÚSICA DE HOJE

Jésus Rocha

TESTAMENTO - Vinicius (RGE) - Lado A - "Como Dizia o Poeta - sobre Adágio de Albinoni" (Vinicius/Toquinho - com Vinicius, Toquinho e Marília Medalha); "Mais Um Adeus" (Vinicius/Toquinho); "Tarde em Itapoan" (Vinicius/Toquinho); "O Velho e a Flor" (Luís Henrique Bacalov/Toquinho/Vinicius - com Vinicius e Toquinho); "Eu Sei que Vou Te Amar" (Jobim/Vinicius - com Maria Creuza e Vinicius); "Testamento" (Toquinho/Vinicius - com Vinicius e Toquinho). Lado B - "São Demais os Perigos Desta Vida" (Toquinho/Vinicius - com os dois); "Apelo" (Baden/Vinicius - com Vinicius, Toquinho e Maria Bethânia); "Garota de Ipanema" (Vinicius/Jobim - com Vinicius e Toquinho); "Marcha da Quarta-Feira de Cinzas" (Carlos Lyra/Vinicius - com Vinicius e Toquinho); "Tomara" (Vinicius - com Vinicius e Marília Medalha); "Canto de Ossanha" (Vinicius/Baden - com Maria Creuza, Vinicius e Toquinho).



Vinicius de Moraes

A bênção, Vinicius de Moraes

Há muito tempo tornou-se dispensável dizer qualquer coisa a respeito de Vinicius. Não que o mistério e constantes surpresas oferecidos pelo poeta, seu trabalho e sua vida deixassem de existir ou interessar. Mas, pela presença intensa e cotidiana do grande artista, cuja arte - bonita e sempre popular - bastava e dispensava perguntas ou maiores especulações.

Este e outros discos estão surgindo ou surgirão em memória e homenagem a Vinicius. A rua mais importante do Brasil, em Ipanema, ganhou seu nome. Espera-se que as editoras de livro façam o mesmo com a reedição de sua obra importante. Tudo isso acontece porque assim é a vida com alguns poucos, depois que morrem.

Só que no caso de Vinicius a coisa soa, de repente, um tanto sem sentido. Ou melhor: redundante. Porque o normal em Vinicius - e seu trabalho - tem sido, nos últimos 22 anos, principalmente, ser lembrado da maneira maior que um artista pode desejar: através do que fez, e não com a ajuda e artimanhas da ciência promocional ou publicitária, mas pelo espontâneo apego e amor do povo.

Depois que Vinicius deixou de ser o construtor - junto com Tom Jobim e Carlos Lyra - da Bossa-Nova ou continuador desse movimento - junto com Baden Powell - e que pulou, ele mesmo - profissionalmente - para o palco (como cantor) ao lado do novo parceiro Toquinho, a chamada crítica especializada fez uma careta e nunca mais disse qualquer coisa de bem a Vinicius a não ser no pretérito. Vinicius passou a ser visto por esses críticos apenas com o mínimo de respeito que seu passado recomendava. Mas, felizmente para Vinicius, nada disso o incomodou.

Me lembro, em 73, quando me mudei para o Rio, entrevistei Vinicius em sua casa branca da Gávea. Ele tinha apenas uns três anos da nova parceria e da nova postura - no palco. E o assunto foi quase todo sobre isso. Me lembro da palavra que o poeta usou a respeito dos seus críticos - não só da crítica musical profissional, mas dos críticos leigos ou livres atiradores - ele falou alguma coisa e mais: **piedade**. Talvez algo assim: "eu tenho piedade das pessoas que, em nome da arte, se prendem muito a conceitos e munalhas que nunca chegam ou interessam ao povo". E é interessante observar que ele tinha autoridade para falar assim: seu trabalho, mesmo o de poeta, na literatura, se não chegou mais e mais ao povo, não foi por fechamento da obra, mas pelos limites em que se trata a coisa literária no País. Pois tudo que chegou ao povo - seus sonetos e tantos poemas depois musicados ou falados em disco - sempre teve a acolhida e a bênção popular.

Não se discute a diferença de postura poética entre o Vinicius das parcerias com Jobim, Lyra e Baden, do Vinicius com Toquinho. São épocas e proposições diferentes. Pela quantidade do que se produziu - na parceria com Toquinho - e pelo modo direto, mais numa busca de vida presente do que de preocupação com a "posteridade", acho idiota querer comparar as coisas, e rumar para uma conclusão em termos artísticos. A única coisa que interessa é que também na fase com Toquinho (que eu gosto e aceito plenamente) não há um momento em que Vinicius possa ser flagrado em crime de infidelidade a si mesmo, enquanto poeta diante da música e da vida. O resto é conversa fiada dos pobres entendidos.

CARMEM COSTA VAI À LUTA O QUANTO PODE

Nem mesmo a doença consegue abater o ânimo de Carmem Costa, em cujo registro civil consta o nome de Carmelita Madriaga Koehler, de lutar por uma posição de respeito para os artistas da velh guarda, discriminados pela indústria musical brasileira.

Em convalescença de uma isquemia (princípio de infarto), onde julga ter "feito uma passagem", voltando momentos depois, afirma que "minha luta só vai parar quando eu fechar os olhos".

Carmem Costa sentiu-se mal na rua, mas continuou em seus afazeres, pois supunha ser uma indisposição passageira, em face de seu cansaço. Com a evolução da dor, dirigiu-se, embora com dificuldade, à casa de seu amigo, Demétrio Ferreira, uma espécie de filho que não teve, que lhe dedica todo carinho. Neste trajeto, a cantora reuniu todas as forças, com determinação, pois segundo ela, "ninguém podia andar por mim".

Sentindo a gravidade de seu estado, pediu a seu amigo Demétrio que providenciasse uma ambulância, que a transportou ao Souza Aguiar, onde teve início uma odisséia, familiar aos segurados do INPS, mormente aqueles que possuem uma profissão não devidamente regulamentada.

FA NO HOSPITAL

Embora tenha sido bem tratada, principalmente pelos funcionários, que não a deixaram ficar só em momento algum, teve sua alta precipitada, talvez pela necessidade de rotatividade nos leitos, o que lhe causou maior tensão, pelo fato de seus familiares terem sido informados, no ato da internação, que ela ficaria hospitalizada durante alguns dias. Vendo-a desorientada com a atitude da médica de plantão, um funcionário do hospital, dizendo-se seu fã, prontificou-se a levá-la, na hora do almoço, à sua residência, embora a médica tentasse impedi-lo por motivos que ela ignora. O caso foi contornado com a chegada de um sobrinho, que fora visitá-la e, encontrando o impasse, acompanhou-a até a casa de Demétrio.

Ricardo Cravo Albin levou-a para o Hospital Cardiológico de Laranjeiras, onde iria fazer exames complementares, mas acabou apenas recebendo aplicação de soro, pois o médico que a atendeu, não demonstrando boa vontade, queria removê-la para o INPS de Campo Grande. Carmem Costa tentou argumentar com ele, dizendo

que não estava certa se teria direito aos auxílios do INPS, pois seu carnê não estava em dia. O que não queria, entretanto, era ver seu nome sendo usado indevidamente, como no caso da denúncia feita pelo ministro Jair Soares, de fraude em seu pedido de aposentadoria.

Como ainda não podia andar, pediu que permitisse ficar deitada em um banco no corredor do hospital. Depois de muita conversa, ficou resolvido que ela seria removida para a Casa de Saúde e Maternidade Irajá. O próprio médico tratou da remoção, que foi realizada em companhia de sua filha Silézia.

Ao chegar, percebeu que nada de concreto tinha sido combinado entre os dois hospitais, pois não havia uma vaga reservada para ela, conseguindo ficar no leito de uma enfermaria com três senhoras agonizantes. Este incidente afetou, sobremaneira, seu estado emocional. Uma hora após a chegada, apareceu um médico obstetra o qual lhe indagou que exames haviam sido feitos, ouvindo da cantora toda a história. Foi quando este reclamou que ela não poderia entrar num hospital com as unhas pintadas. Sentindo-se agredida, a cantora resolveu deixar o hospital, tendo para isto, sua filha assinado um termo de responsabilidade. Magoada, Carmem Costa desabafa: "Podemos ser chamadas atenção por sujeira, mas nunca por limpeza". Acha que isso é uma provocação, que "não deve haver preconceitos onde todos são iguais".

SITUAÇÃO DIFÍCIL

Sua situação financeira não é compatível com a posição alcançada no cenário artístico brasileiro, onde deu tudo de si. Vive, atualmente, de auxílios de gravadoras e arrecadadoras. Para se ter uma idéia, seu último recebimento foi em torno de quatro mil cruzeiros, enviados pela SO-CINPRO (Sociedade Brasileira de Interpretes e Produtores Fonográficos), o que a deixa bastante magoada por receber este tipo de auxílio, pois com tanto tempo de trabalho, ainda não tem estabilidade financeira condigna. Mas isto não é tudo. Ela entrou com um pedido de empréstimo na Ordem dos Músicos do Brasil, desde março, não tendo sido, até hoje, atendida. Segundo o sr. João Batista Viana, tudo depende de reuniões com a diretoria. Ela já havia, anteriormente, feito um pedido da mesma natureza, que foi recusado, com

alegação que existia outros mais necessários, na sua frente.

Denunciou, também, que suas gravadoras nunca lançaram nem distribuíram, convenientemente, seus discos. Tem, atualmente, um contrato assinado com a Continental, por onde lançou seu último Lp, gravado este ano, com repertório imposto pelo diretor de produção. Isto a deixa bastante frustrada, pois sente que "não adiantou nada, pois quem está no disco não sou eu". Acha um paradoxo a produção impor uma coletânea de autores famosos, como Chico Buarque, Assis Valente, Cartola, Noel Rosa, Aldyr Blanc, Vinícius e outros, da maior respeitabilidade musical, e não realizar uma promoção à altura, negando-se a fornecer uma foto sua, para que mandasse imprimir, por conta própria, cartazes e posters. Ela, como Demétrio, acha que, como já aconteceu com outros intérpretes, estão esperando que ela morra para relançarem seus discos, obtendo, assim, um lucro maior.

OS SUCESSOS

O primeiro sucesso de Carmem Costa deu-se em 1942, pela RCA-Victor, com "Está Chegando a Hora", adaptação de uma valsa mexicana, música que a tornou famosa. Ainda no mesmo ano, gravou "Só Vendo que Beleza", hoje regravação por Ellis Regina. No ano seguinte, "Chamego", regravação com Fafá de Belém e "Casinha da Marambala".

Na década seguinte, gravou "Cachaça não é Água" (52), "Eu sou a Outra" (53), "Quase" (54), que ficou cinco meses em primeiro lugar nas paradas de sucesso. Em 1955, interpretou a marchinha de carnaval, sucesso até hoje em todo o Brasil, "Tem Nêgo Bêbo Ai", e, "Obsessão" em 56. Depois de "Jarro da Felicidade", foi para os Estados Unidos para atender um pedido de seu marido, mas não era o que esperava.

Volta a gravar em 1974, a música "Ronda", que fora gravada anteriormente, por Inesita Barroso e Cláudia Moreno.

A LUTA CONTINUA

Nascida há 60 anos, em Trajano de Moraes, no Estado do Rio, Carmelita Koehler espera superar esta fase adversa, com a certeza de que ainda tem muito a realizar no cenário musical e que "a velh guarda voltará; a luta vai ser compreendida".

ASTRONOMIA E ASTRONÁUTICA**A ASTRONOMIA
E VINÍCIUS
DE MORAES — II***Ronaldo Rogério de Freitas Mourão*

Coordenador de Astronomia do Observatório Nacional

UM dos astros que maior impacto produziu em Vinícius foi a Lua. Utilizou várias vezes em seus poemas a velha noção de indicar Lua em substituição ao mês como unidade de contagem de tempo: "Aquele que dormirá comigo todos as luas". Aliás, a Lua assume, em Vinícius, a imagem consoladora da noite, imagem feminina do amor carnal que no nosso poeta teve sempre uma conotação das coisas mais puras do universo. Para as mentes puras não existe nada impuro; assim foram todos os seus amores, sempre assumidos e jamais escondidos.

A noção de infinito, assim como a Lua, desempenhou uma importância enorme na poética de Vinícius, em particular, se considerarmos os sucessivos papéis que essas idéias irão assumindo gradativamente na sua evolução. Poderíamos encontrar motivos e interpretações de ordem psicológica. Para nós, estretanto, tais imagens parecem na realidade uma consequência do temperamento contemplativo, aliado a uma enorme capacidade de amar sem preconceitos, que caracterizou toda a sua vida e sua poesia.

Aliás, convém notar que, no início, na adolescência, quando, na Ilha do Governador, contemplava o céu, a idéia do infinito lhe transmitia um notável sentimento de paz:

"Havia ocasiões em que adormecia sem dormir, numa semiconsciência dos carinhos do vento e da água no meu rosto e nos meus pés. E que vinha-me do infinito uma tão grande paz e um tal sentimento de poesia que eu me entregava não a um sono, que não há sono diante do Infinito, mas a um lacrimoso abandono que acabava por raptar-me de mim mesmo".

Já em seu primeiro livro *O Caminho para a Distância* vamos encontrar um Vinícius em que a contemplação das belezas do céu iriam começar a provocar o enorme desespero que se acentuaria com o correr do tempo em face desse universo infinito, e cujo primeiro sinal está muito bem caracterizado neste verso do poema "Revolta":

"O mundo é bom, o espaço é muito triste..."

Para ainda compreender melhor essa nova influência da noite em Vinícius é necessário ler o poema "Vigília", onde diz:

"Eu às vezes acordo e olho a noite estrelada
E sofro doidamente
A lágrima que brilha nos meus olhos
Possui por um segundo a estrela que brilha no
céu".

Parece que foi depois de suas viagens que as

Parece que foi depois de suas viagens que as noites estreladas, assim como a idéia do infinito, começaram a lhe provocar uma enorme sensação de angústia e solidão "como o olhar longo e claro de uma mulher". É no gemido de angústia de todas as noites que Vinícius vai encontrar a presença dos ausentes num céu, onde "se desprende a face maravilhosa de Canopus".

O horror e o pânico dos espaços interestelares iriam conduzir o nosso poeta a estes versos, onde muito bem define para os sentimentos populares a difícil noção de infinito:

"Como dois acrobatas
Subamos, lentíssimos
Lá onde o infinito
De tão infinito
Nem mais nome tem
Subamos!"

Nessa sua viagem acrobática ao céu, encontramos uma outra demonstração de pureza de seus sentimentos ao escrever que desejava possuir sua amada, despojado da carne, depois de passar "diante do véu de Betelgeuse, pelo país de Altair, subindo pelo grande mar de estrela onde dorme a noite.

Os grandes impactos da era tecnológica, registrados em seus versos, são a bomba atômica e a conquista da Lua. Esses dois feitos foram imortalizados em versos, onde surgem o planeta Vênus e a Via-Láctea ao lado da célebre equação de Einstein $e = mc^2$:

"Oh energia, eu te amo, igual a massa
Pelo quadrado da velocidade
Da luz! alta e violenta potestade".

Em Roma, o lançamento em 1955, pelos soviéticos, de uma cadela Laika em órbita provocou e ampliou o temor ao espaço, sinônimo em seus poemas da angústia e da solidão:

"Uma cachorrinha
Girando no espaço
Sozinha, sozinha
Girando no espaço".

A influência da conquista espacial não lhe fez perder o temor do infinito, quando ao analisar em crônica os feitos dos Luniques lembra o "poema que tiveram a temeridade de olhar o infinito". A idéia do infinito marcará toda a vida de Vinícius, que atingiu o auge dessa conceituação na obra-prima que constitui o soneto "O verbo no infinito":

"Ser criado, gerar-se, transformar
O amor em carne e a carne em amor; nascer
Respirar, e chorar, e adormecer
E se nutrir para poder chorar
Para poder nutrir-se; e despertar
Um dia à luz e ver, ao mundo e ouvir
E começar a amar e então sorrir
E então sorrir para poder chorar.
E crescer, e saber, e ser, e haver
E perder, e sofrer, e ter horror
De ser e amar, e se sentir maldito
E esquecer tudo ao vir um novo amor
E viver esse amor até morrer
E ir conjugar o verbo no infinito...

ARREPIADA —

ESTHER TARCITANO



Já que o assunto dos últimos dias foi de tristeza e saudades, quero lembrar que lá se vão 10 anos que Oscarito nos deixou.

Na semana passada, o Brasil, e em especial São Paulo, pode rever as antigas chanchadas da dupla Oscarito e Grande Otelo. Uma dupla que

muitos malhaviam em seus programas e suas colunas mas que à noite, corriam para o cinema e se acabavam em risos com as «palhaçadas» das «porcarias» do cinema brasileiro.

Oscarito deixou muitas saudades e hoje, passados 10 anos de sua morte, ainda é lembrado.

São Paulo promoveu a Semana do Oscarito e todos os filmes de Oscarito puderam ser revistos por seus admiradores e vistos pelos interessados em tentar descobrir como

uma chanchada pode fazer e continuar fazendo tanto sucesso entre o povo.

Oscarito, meu querido, nós daqui continuamos rindo como você gostava que nós rissemos com seus filmes: às gargalhadas.

Pena, muita pena que você não esteja aqui.

xxx

Ainda sobre tristeza, custa-me muito lembrar meu tão querido Vinicius de Moraes.

A música, a poesia, enfim todo o Brasil e seus quase 130 milhões de brasileiros e mais outros tantos estrangeiros, jamais poderão saber com certeza a falta que Vinicius nos fará.

Mas isso é coisa que eu não gosto muito de falar.

Para terminar a coluna de hoje, um pouquinho de alegria e justiça: a Rua Montenegro trocou de nome. Agora é Rua Vinicius de Moraes.

Nunca vi uma atitude mais acertada por parte desse nosso governo do Rio de Janeiro.

27 / 08 / 80 Nº 536

CRÍTICA

Os jovens estão curtindo shows nas praias e praças

TODA iniciativa que tem a aprovação popular deve ser respeitada e também incentivada, como é o caso das apresentações dos artistas brasileiros em **shows** nas praças públicas e nas praias. Pouco importa se a idéia foi copiada de moldes estrangeiros ou se foi adaptada para o nosso público, mas a realidade é que acabou vingando e hoje já se tornou obrigatória para as gravadoras que têm artistas que podem ser enquadrados nesse esquema. Para comprovar o sucesso desses espetáculos podemos citar Baby Consuelo e Pepeu, Diana Pequeno, Alceu Valença e mais recentemente Moraes Moreira. Tudo demonstra que valeu o risco de um insucesso, e a aceitação do público já podia ser constatada no primeiro **show** de Baby Consuelo e Pepeu nas areias da praia do Arpoador, culminando com o desabamento do telhado de um velho casarão das proximidades, provocado pelo grande número de espectadores que tentava disputar as melhores posições para visualizar o espetáculo. Daí em diante tudo foi mais fácil e o



caminho estava aberto. O que é importante e que deve ser ressaltado é que os nomes escolhidos para esse tipo de espetáculo recaem sempre em artistas que têm boa aceitação por parte do público, principalmente da faixa mais disputada atualmente pelas gravadoras, que é o jovem. Esse mesmo jovem que é acusado e apontado como alienado, desligado das raízes brasileiras e que só pensa e atua nas áreas ligadas a atividades menos recomendáveis, quando se apresenta um de seus ídolos, seja onde for, lá está para incentivá-lo e dar-lhe o apoio que merece. O segredo do sucesso, segundo se observa, está no artista que fará o **show** e também no seu repertório, geralmente do conhecimento do jovem que participa e se integra no espetáculo. Vamos aguardar novas programações dentro desse esquema, que está bem longe do que foi a discoteca, um gênero musical de difícil definição e que somente prejuízos trouxe à música popular brasileira e também ao artista nacional.

Edson Pinto



NOITE

AGOSTO COM BETHÂNIA

Agosto chegou e tudo começa a ser diferente. Desde os primeiros dias deste mês, estamos observando estreias de novos musicais e sentindo que os astros da canção confiam estar nos estudantes da grande parcela de seus públicos. Mesmo com as **cigarras** à solta e procurando a noite, para um pouco de diversão, os empresários preferem considerar julho, assim como os meses de janeiro e fevereiro, uma época de amenidades. Mas agosto chegou e tudo começou diferente: pra começo de conversa, **Maria Bethânia** estreou no Palácio das Convenções do Anhembi, com o **show** "Mel", que também é o título de seu último e badalado LP. Na verdade, há um reconhecimento geral: **Maria Bethânia** atravessa um dos principais momentos da sua carreira e por aqui a sua tarefa esteve facilitada porque "Infinito Desejo", "Grito de Alerta", "Gota de Sangue", "Explode Coração" e outras tantas, que compõem o roteiro musical de seu **show**, estão no "repertório" de todo o público e ocupando os primeiros lugares na parada musical de qualquer um. Se **Bethânia** no disco é excelente, no palco ela é ainda melhor. A sua presença, a fina interpretação e outros recursos muito próprios fazem com que a moça leve seu **show** lá em cima, conservando um nível de qualidade, realmente, fora de série. Pouca coisa resta a ser acrescentada a tudo o que já foi dito a respeito de "Mel". Só nos cabe avaliar.

Ferreira Netto

DISCOS



Título: Mando Lay
Intérprete: La Flavour

Na fase atual, na qual a discoteca vai aos poucos desaparecendo, novos ritmos surgem, principalmente na área jovem. **La Flavour** é um grupo, que, embora já exista há mais de seis anos, só agora lança um LP — "Mando Lay" — e nos traz um novo som que se adapta na medida às exigências do público que pratica patinação — a mais nova coqueluche da meninada. "Mando Lay", a faixa título, que já havia sido lançada em compacto, está também incluída no LP e já é sucesso na Itália, Alemanha, Suíça, Bélgica, Holanda e agora no Brasil. O **Flavour** pretende que as demais músicas constantes no disco agradem tanto quanto "Mando Lay".

Edson Pinto



Título: Na Ponta da Língua
Intérprete: Carlinhos Vergueiro

Esse é o segundo LP de **Carlinhos Vergueiro**, que pinta nesse "Na Ponta da Língua" — uma das mais bonitas faixas — com mais amadurecimento artístico e vocal. Todas as músicas — é claro — são de autoria do próprio **Carlinhos**, e, entre elas, além da faixa-título, destacamos: "De Copo Na Mão", "Dia Seguinte", "Samba Na Garganta", "A Garota" — que ele fez para homenagear sua filha Dorinha — e "Fogo Cruzado". Os arranjos — ótimos — de **Guilherme** (seu irmão) e **Edson Alves**. Os músicos são os mais quentes da atualidade e souberam dar às letras de **Carlinhos** o toque inconfundível de sua marca registrada. Um bom lançamento.

Marlene Macedo



Título: Olhos Felizes
Intérprete: Marina

Este é o segundo LP de **Marina**, uma cantora/compositora/instrumentista de grande talento e dona de uma das mais belas vozes surgidas nos últimos tempos na MPB. E é exatamente a voz de **Marina** a melhor coisa neste seu primeiro trabalho para a sua nova gravadora, dentro da mesma linha do disco anterior e que lhe rende excelentes dividendos artísticos. É possível mesmo que **Marina** venha a se projetar mais ainda com este **Olhos Felizes**, um disco muito bem feito e com uma produção e arranjos muito bem cuidados e que permitem que a intérprete possa usar toda a sua potencialidade vocal. Destaque para as faixas **Olhos Felizes** e **Nosso Estranho Amor**.

Fernando Costa



Título: Baden Powell
Intérprete: Baden Powell

Como se fosse possível, **Baden Powell** está tocando mais do que nunca. Todos sabemos da genialidade deste artista assim como sabemos que ele nunca deu muita bola à interpretação. Hoje em dia ele é completo. Neste LP estão contidos grandes momentos de um **show** que ele fez recentemente em São Paulo e no Rio. Todo o repertório é conhecido, mas nas mãos de **Baden** tudo se renova. "Berimbau" (dele e de **Vinícius de Moraes**) dura 19 minutos e pouco. Ouvindo parece algo ágil, instantâneo e sobretudo rápido. "Peti Valsa" é uma das mais recentes composições de **Baden** em terras estrangeiras. Se você realmente gosta de violão, este disco (álbum duplo) terá que estar na sua prateleira.

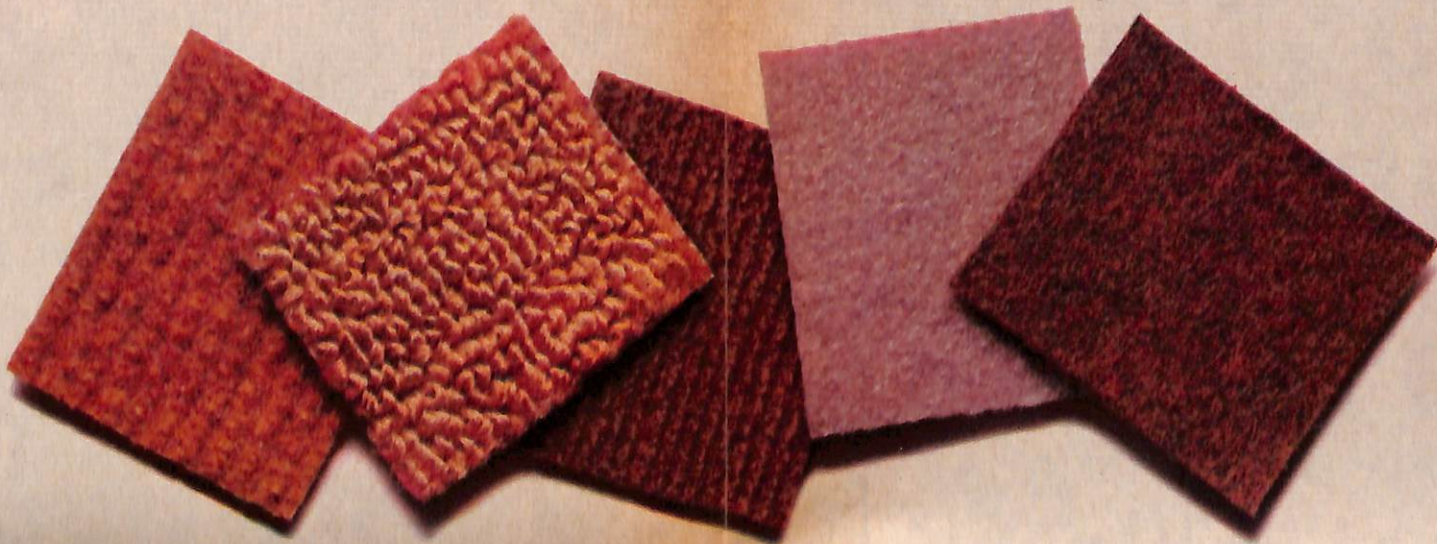
Ronaldo Boscchi

AMIGA

24 / 08 / 80 №536

Ela é igual ao carpete Sommer: bonita, macia e fácil de lavar.

Logo, Stabel & Guerreiro



Sommer Loop

Sommer 2.001

Sommer Brasília

Sommer Velours

Sommer Multipiso

Para dizer a verdade, o carpete Sommer é ainda mais fácil de lavar do que a sua filha: ele não grita, não esperneia, e não molha tudo o que está em volta.

E não pense que se a senhora limpar uma mancha de sujeira a senhora vai ganhar uma mancha de umidade: os carpetes Sommer nem ligam para a água, não mofam, não encolhem, não esticam, e não apodrecem.

Eles são 100% sintéticos, e isso é uma das grandes vantagens da tecnologia: não retém pó, nem sujeira, não mudam de cor com o sol, e estão sempre prontos para outra.

E como são feitos por um processo muito honesto, pode pisar, escorregar, tropeçar, que nada disso cansa a beleza, a maciez, a fofurinha, o toque gostoso e a suavidade.

A senhora sempre encontra uma cor, uma tonalidade, e um padrão de carpete Sommer que combina direitinho com tudo o que tem na casa, inclusive as crianças.

Agora, quando comprar o seu carpete, olhe pelo avesso para conferir a marca Sommer: porque só ele é capaz de fazer tudo o que está escrito aqui.

E se ainda tiver alguma dúvida, pegue o manual de conservação no seu revendedor: lá está explicado tudo o que o carpete Sommer precisa para viver saudável e feliz junto com as pestinhas, ou melhor, com os filhinhos da senhora.

SOMMER 
Qualidade em carpetes

MARIA CREUSA

Diz o que pensa do casamento

DEZ anos de carreira — “mas, se a gente for contar o amadorismo da Bahia, aí bote lá uns quinze” —, oito LPs que não saem de catálogo, shows demais no exterior, disco de ouro da América Latina recebido no Chile, enfim, sucesso no Oriente, no Ocidente e na vida. Aos 35 anos — uma idade que ela faz questão de declarar porque, sabe, parece bem menos — Maria Creusa Marques Pinto, ao lado de Francis Hime e Toquinho, encerra a temporada carioca de seu show no Teatro Galeria e entra em preparativos para o lançamento de mais um disco “feito com carinho e com tempo suficiente para curtir o repertório”, ouvir gente desconhecida e talentosíssima a quem ela dará a maior força. Do novo LP, ela adianta a faixa da novata Elisa Lemos, por exemplo — **Escravo da Alegria** —, outra de Walter Queiroz — **Odum** — e também Caetano Veloso — **Lua de São Jorge** — até o final do ano nas lojas.

Maria Creusa está sentada na platéia vazia do teatro. O ambiente é de pouca luz e solidão. Mesmo assim, é possível analisar bem a cantora. É pequenina, bem mais do que a televisão pode mostrar. É bonita, muito, tanto quanto a telinha revela. E é fascinante, bem mais que aquela sua aparência distante, a postura até antipática que vem de um jeito qualquer em sua expressão corporal. Ela sabe. E me conta que esta frieza é só aparente. Maria Creusa — ela faz questão de frisar — é uma mulher ligada, sensível, de gênio forte, teimosa mesmo e capaz de incríveis e surpreendentes emoções. Diz também que já se foi o tempo em que ficava grilada com isso. Hoje, reconhece que a imagem de uma pessoa não significa exatamente o que ela realmente é. E se justifica explicando que este jeito frio é apenas uma defesa que a cantora usa na proteção da mulher, sem nenhuma intenção esnobe ou infantil.

A entrevista pega a cantora ainda sob os efeitos da morte de seu grande amigo — Vinícius de Moraes. E é sobre ele que ela começa a falar, pedindo desculpas pelo tom triste que a entrevista possa vir a ter: “Durante toda esta temporada aqui no teatro, eu cantei 14 músicas de Vinícius por noite. Uma emoção que não sei descrever. Sei sentir. E senti muito. Não sei também contar como é o esforço

que se precisa fazer para continuar viva, trabalhando, apesar da perda. Só eu sei como cantei a cada noite, alguma coisa assim visceral me impulsionando a ir em frente. Se eu pudesse, Vinícius não morreria! Digo fisicamente porque, é inegável, ele é imortal. Sinto muita saudade, sabe. Ele era aquela pessoa que a gente gostaria de levar para casa e ter para sempre, guardar o amigo, assim numa espécie de apego à presença. Se eu pudesse, Vinícius seria uma pessoa

sica brasileira no exterior. Nestes anos todos, seis pelo menos foram dedicados a excursões fora do país, Japão, toda a Europa, num trabalho que acabou por garantir mais sucesso fora que dentro do Brasil e que motiva a decisão da baiana de ficar um pouco mais agora por aqui e ver se “faço milagre em casa!”

Casada com Antônio Carlos — da dupla Antônio Carlos e Jocafi — ela diz que é “mais cigana do que ele e por isso viajo mais do que ele”, o que em certo sentido atrapalha um pouco a vida dos dois, nada de mais sério ou comprometedor mas o bastante para suscitar boatos de que eles vivem num casamento de aparência. Maria Creusa fica surpresa quando peço definições sobre o casamento, se ele existe como opção real e madura ou é, como dizem, coisa para inglês ver. Ela arma um sorriso lindíssimo onde um dente ligeiramente acavalado lhe dá o charme maior e responde energeticamente: “No dia em que não tiver mais que ser, cada um vai para o seu lado! Eu não ficaria com ele e, sei, ele não ficaria comigo! Afinal, são quinze anos, e fingir tanto tempo assim não daria, não é? Olha, temos respeito um pelo outro e isso é o suficiente. Temos também nossas crises sim. Mas somos um casal que se ama!”

ELA se cala um instante e não volta mais a falar no assunto, embora por um instante ainda resmungue baixinho: “Imagina! Dois baianos temperamentais como nós... imagina se iam se agüentar em casa!!!” Muda o assunto e fala nos três filhos — Carlos, 15 anos; Luana, 9, e Marco, 7 — grandes curtidores da carreira dos pais. Sentem, sim, falta da mãe em suas muitas viagens mas, desde cedo, foram acostumados a se saberem sozinhos e não abandonados. De vez em quando, Maria Creusa entra em

fossa total, grilada por estar perdendo a infância deles: “Mas depois passa! Porque eu também não saberia viver sem a minha carreira. Sabe, este é o grande conflito da mulher, um conflito que não se resolve, mas a gente acaba aprendendo a conviver com ele!”

Reportagem Lúcia Leme

SEMP TOSHIBA.



Relógio despertador a quartz.

Pode ser usado na sua mesa de trabalho, em sua cabeceira em viagem, etc. Ajuda você a lembrar compromissos e horários marcados. É de alta confiabilidade e precisão. Simples e fácil de manusear. Garantia total de 1 ano.

SÉRIE GRANDES LANÇAMENTOS.

SEMP TOSHIBA

Produzido na Zona Franca de Manaus por Semp Toshiba Amazonas S/A.

que ficaria para semente...” Maria Creusa fala sério e triste. Lembra o dia da estréia desse show quando ele lá esteve, assistindo aos amigos. E confessa que, durante vários dias, era como se ele estivesse ali, dando ajuda de Vinícius, e ela reconhece que a baiana que começou defendendo músicas no Festival da Record em final dos anos 60 se transformou em uma das cantoras que mais difundiu a mu-

Depois de seis anos dedicados a excursões pelo exterior, divulgando a música brasileira, Maria Creusa resolveu parar um pouco mais no Brasil.

ZONA OESTE

Esteve muito bom o "show" apresentado pelo Brasil Maneiro-80, com a participação de Don Zeca (ex-Zeca do Trombone), que foi simplesmente magistral nas músicas de Vinícius de Moraes. Deu uma de "canário" e se deu muito bem. Weber Werneck, o pretinho, deu um "show" de interpretação, como sempre, e deixou a platéia maravilhada. Aurea Martins, para gente que não a via há muito tempo, desde os tempos da "Grande Chance", por aqui, foi aquela cantora que todos esperavam e deu um colorido todo especial à festa. Claudete foi maravilhosa nas interpretações com sua voz gostosa de se ouvir e mostrou muito profissionalismo, coisa que se vê em muito pouca gente. Um capítulo à parte para Ivo Fontes e seu violão. Ele, que esteve até poucos minutos antes do "show" muito nervoso, se descontraiu e fez o que quis cantando e solando ao violão, além de acompanhar Aurea em uma de suas interpretações. Muito bom, mesmo.

Zbeto esteve muito bom até que começou com seus, digamos, "picotes", que demoraram mas aconteceram. Quis inventar dentro de uma coisa muito séria e acabou descambiando para o ruim e chegou até a cair, o que está lhe valendo um braço enfaixado. Fora isso esteve muito bem. Precisa se conscientizar e ser mais profissional e deixar de apelar nas horas sérias. Mesmo assim foi boa a sua apresentação. Valeu, também, pela sua postura, pois não se deixou abalar pela queda e continuou.

A homenagem ao poeinha Vinícius de Moraes foi das mais válidas e o público entendeu e participou em bloco, inclusive cantando com os artistas. Valeu demais. Fosse o caso de dar notas, todos, sem exceção, teriam direito à nota 10. Excelente...

BAQUITRIM BALSÂMICO

É logo mais no Luso mais uma partida da nossa equipe "O FLU-Central" de futebol soçalte, a partir das 21 horas. Nossa equipe, que estava invicta há vários meses, perdeu para os jornaleros de cinco a zero — mas com honras, pois estávamos desfalcados dos nossos craques principais — mas queremos revanche. Jogaremos contra o "Ajalves", que perdeu por 1 x 0, na prorrogação, com time reforçado e tudo. O gol foi do Rafael. E quem está injuriado é o Baquitrim Balsâmico, que não se conforma com o resultado e disse que foi roubalhela.

AABB COMPRA ÁREA PARA CLUBE

Esta eu soube e dou em primeiríssima mão. A Associação Atlética Banco do Brasil está comprando área em Big Field para instalação de mais um clube da Associação, agora na Zona Oeste. E segundo eu soube, os entendimentos já estão adiantados. O local deverá ser na Estrada do Monteiro, e vou descobrir e passo adiante. O clube atenderá toda a população de funcionários do Banco de Deodoro a Itaguaí. Outra, para quem interessar, é que 25% dos associados do clube podem ser de não funcionários do BB, e serão convidadas pessoas da simpatia dos diretores e sócios para comporem essa porcentagem.

PROJETO "FIM DE TARDE"

Weber Werneck estará se apresentando neste final de semana no Teatro Artur Azevedo no Projeto "Fim de Tarde". É um "show" onde apresenta toda sua versatilidade e como sabe cantar. É filho de gente do samba — seu pai é o conhecido "Tiririca" — e canta muito bem. Onde quer que se apresente é sempre a atração e mostra que tem muito talento, faltando alguém lhe dar a oportunidade sonhada para que faça o sucesso almejado. E temos certeza que chegará lá, muito breve.

Nestes sábado e domingo Weber estará no TAA a partir das 18h30min, mostrando o valor do artista da ZO. O preço do ingresso é Cr\$ 100. E vale a pena prestigiar esta gente que está dando de tudo em favor da MPB.

É hora de se dar valor ao que aqui se faz e o público da região dar mais crédito e participar com frequência das apresentações do Projeto "Fim de Tarde", que é uma bolação de Sérgio Coelho com apolo total da direção do teatro. Vamos ao teatro, gente. Teatro é cultura das mais puras que a gente tem.

FESTIVAL DE MÚSICA NO GRESP

Encerram-se dia 26 de setembro as inscrições para o I Festival de Música Popular Brasileira do Grémio Recreativo Social de Paciência. A taxa de inscrição por música é de Cr\$ 80 e deverá ser apresentadas no máximo quatro composições por participante. São necessárias, ainda, 12 cópias da letra, datilografadas em espaço dois, fita gravada com as músicas — fita K-7 —, acompanhadas de violão, piano ou percussão. A novidade é que o tempo, durante as apresentações das classificadas, será cronometrado, des-

contando pontos de quem ultrapassá-lo. A realização será nos dias três e quatro de outubro, 21 horas, no clube. As semifinais serão divulgadas após dois dias decorridos do final das inscrições.

DA CORRESPONDÊNCIA

Solange Bertdchevsk de Lemos escreve e quer saber como fazer para conhecer a redação de O FLU. Olha, Solange, é muito fácil. Dê um pulinho a Niterói, na Rua Visconde de Itaboraí, 184, e peça na portaria do jornal informação de como chegar lá. Para você, que é estudante de Comunicação, não val ser difícil... E você, que é leitor da nossa "Clubes e Gente", pode escrever para: Cláudio Vianey — Caixa Postal 10.097 — Campo Grande — R.J. CEP 23.190, e nós responderemos com prazer.

PICADINHO

Vem aí o campeonato de basquete do Luso. É para sócios e convidados. A inscrição será apenas Cr\$ 150. *** Carla da Silva Matias, filha de Carlos Matias, tirou primeiro lugar em Nova Iguaçu, com 57" nos 50 metros, nado de costas e duas medalhas de ouro, na competição realizada entre os clubes Ideal de Olinda, IBC de Nova Iguaçu, Bangu A.C., Luso Brasileiro, BCN de Nilópolis e Coronel Gonçalves Dias de N.I., dia 23 passado. Para ela e os papais, os parabéns. *** Zeca do Trombone (Don Zeca) esteve se apresentando no canal 7, no programa "Sambola" e agitou geral com "Ave Anne" e a gafeira no finalzinho do programa. O pessoal da técnica é que não está lá com muita coisa, não. Colocaram o "play-back" já no meio da melodia e se Zeca não é safo teria se perdido. *** Valquiria Magalhães da Silva aniversaria amanhã, dia 29. Ela é esposa do Carlinhos Dival. Parabéns. *** Quem reclamou do som do BR-Maneiro deveria prestar atenção no som da TV Globo no dia do festival. Estava horrível. *** Nasceu dia 23 o Piter Correa Falde de Souza, filho de Marietela Correa Falde de Souza e de Luiz Carlos de Souza. O título José Falde, a vovó Nell Correa e o vovô José Lores estão eufóricos. *** Professor Pardal é como está sendo chamado o iluminador da Veneni's Disco Clube. Como inventa o rapaz com as luzes. *** Essa não existe: "O espaço foi vendido ao sr... não foi publicado por falta de fotografia que o mesmo não mandou até minutos antes da publicação". Está assim mesmo em certo "Jornal" de Campo Grande. Pode isso? Pra semana eu volto.

Uma estranha trilogia

Tristão de Athayde

M Santo. Um Papa. Um Poeta. A beatificação de um santo. A passagem de um Papa. A morte de um há estranhas coincidências mundo, que obscureceram recurso ao acaso, a vã filosofia pedestre. Exemplo, a quase simultânea beatificação de nosso príncipe nacional; a passagem de um primeiro Papa por estas e a morte de um grande que só não era o primeiro que ainda temos conosco graças de Deus por tempo, o nosso Drum-

quatro séculos que o esperava por esta subida de uma figura huana deve simbolizar uma unidade, marcada pelo humanismo, afetivomunitário, e não apenas riqueza da riqueza, pela fonder ou pela vaidade da Anchieta. Anchieta foi o similitivo dessa primazia da unidade, na dedicação sua vida e de seus exos talentos, ao serviço imo, na pessoa dos silvía fundação de uma nova que deve ser marcada, a exemplo, pelo amor da justiça e os homens, da paz raças e da fusão entre a cristã e a lição intelectualo-latina. Essa vocação de, unida à poesia e ao que Anchieta colocou mente de uma nacional-que nascia como uma Renascimento clássico, mensagem cristã. A seu as outras figuras replem duas outras faces do ntismo. Mem de Sá, do Poder político-ico do Colonialismo és, e João de Bolés, do novo Intelectualismos-medieval. Tratava-se

hor Jean de Cointac des Boulez", pela alceia nascimento em França), ureiro João de Bolés na época, doutor da Sorcavalheiro fluente e ar, senhor do hebraico, do o latim e do espanhol, expressão intelectualista óstica dessa aurora dos modernos.

os dois e acima deles o irmão José de Anchiompanhia de Jesus, coespiritual dessa nostra nacional. Sua proximização, pelas mãos primeiro Papa a nos visi-

tar, é uma estranha e sintomática coincidência. Suas palavras que levantaram multidões, até hoje nunca vistas em nossa História, em nada essencialmente diferiram das pregações anchietaanas. Foi, como a do apóstolo quinhentista, uma pregação de protesto contra a opressão dos fracos pelos fortes, de conciliação entre elites e massas, de defesa dos direitos das massas e dos deveres das elites, com reciprocidade e não como exclusividade, de purificação geral dos costumes, de esperança no futuro. Se aplicarmos o processo mental da analogia, entre metas idênticas e circunstâncias opostas, entre aquele início do século XVI e este nosso fim do século XX, considerando a vinda de Anchieta, o Santo, e a passagem de João Paulo II, o Sumo Pontífice, veremos que só divergem nas circunstâncias, mas coincidem na essência de uma "civilização do amor", como finalidade humana, em que o primado do homem à luz de Deus é hoje tão essencial na mensagem de Woitila, como na mensagem de Santo Anchieta. De modo que essa coincidência ocasional, da beatificação do santo com a presença do seu beatificador, representa realmente um momento singular em nossa História.

■ ■ ■

Aconteceu ainda que, durante esses dias marcados por esses dois acontecimentos inéditos, a morte alcançou uma de suas vitórias precárias (pois a glória sobrevive aos efêmeros triunfos da morte), colhendo a vida de um dos grandes poetas de nossa história literária ainda em pleno vigor de sua criatividade.

Não é tampouco fortuito que tanto Anchieta, o missionário, como Woitila, o Papa, tenham sido também poetas. A discrepância formal entre os costumes pessoais do poeta e os do Santo e os do Papa, em nada afeta a estranha coincidência deste encontro. A poesia é o ponto de convívio mais alto no plano temporal entre as criaturas aparentemente mais afastadas entre si. Tanto mais quanto a poesia cresce na proporção direta de que se desprende do poeta e passa a viver por si, independente do seu autor. Por menos edificante que possa ter-



Vinicius de Moraes

(desenho de Chico Caruso)

sido a vida íntima do nosso Vinicius de Moraes, sua poesia é sem dúvida das mais edificantes do nosso patrimônio literário. Podemos saborear o mel das abelhas, sem nos arriscarmos às suas picadas. Vinicius deixou todo um conjunto de favos alados, que aliás as frustrações injustas de sua vida profissional, vítima como foi de nossa ditadura militar, só fizeram crescer, em beleza e poder de fraternidade. Devemos, antes de tudo, nos congratular com o consenso de participação coletiva na mágoa de sua prematura partida. Numa era em que os poetas de verdade se queixam, com toda razão, da luta ingente que travam contra uma sociedade dominada pelo prosaísmo, pelo consumismo, pela violência, pelo novelismo, foi espantosa a repercussão que teve sua morte, de alto a baixo da escala social.

Ezra Pound definiu certa vez a poesia, magnificamente, como sendo "a dança da inteligência entre as palavras". E o fez, no seu arrogante culturalismo, por uma palavra sibilina de raízes helênicas, *logo-poeia*. A poesia de Vinicius também é, como a de todo poeta autêntico, uma dança entre as palavras. Já que a dança e a música são, realmente, companheiras inseparáveis de toda autêntica arte poética. Mas, em Vinicius, não era a dança da inteligência como em Ezra Pound, mas a dança dos sentidos entre as pa-

lavras. Sempre a palavra em si, não apenas instrumento, como traço típico da poesia. Mas esse tipo de dança pode ser com idéias (sem negar a sentença de Mallarmé, pois "ce n'est pas avec des idées, mais avec des mots, que l'on fait de la poésie") como pode ser com instintos e sensações. E a poesia de Vinicius era essencialmente uma dança de sensações.

Daí a sua capacidade de descer dos altiplanos de Rainer Maria Rilke ou de Dylan Thomas, de suas iniciais raízes modernas (pois a ascendência poética de Vinicius parece ter sido muito mais anglo-germânica do que latina), para os morros e as ruas do nosso urbanismo carioca. Daí, porventura, a enorme repercussão que veio a ter, ao longo de sua vida literária, ao partir do elitismo esotérico, requintado e espiritual, para uma integração, sutilmente orquestrada e cantada, com a poesia do violão, do samba e do canto. Foi ele aliás um dos introdutores, entre nós, do canto-falado e coloquial, nunca oratório e gorgeadado. Essa descida das elites às massas, pela coloquialização das palavras, mais murmuradas do que cantadas, foi talvez o segredo de sua popularidade, não provocada pela moda ou pelas circunstâncias sociais, mas por uma espontânea vocação comunitária. Se houve uma circunstância, que o levou a essa revolução estética, foi a injusta demissão e a consequente cassação política, que o afastaram, para o bem de seus leitores e ouvintes, das frivolidades de uma simples carreira diplomática e o restituíram à sua autêntica vocação poética. Com isso, o discípulo da espiritualidade de Rilke se transformou num êmulos desse dançarino dos instintos, que foi Dylan Thomas. Vinicius poeta se realizou então na inserção em seu povo e em seus momentos mais românticos e dionisíacos. A poesia e a música populares são as duas faces mais atuantes do neomodernismo. Integrando-se nelas, o Vinicius adolescente do Colégio Santo Inácio, ou mesmo o jovem da nossa Praça 15, se transformaram em ídolo popular e placa de rua.

Por tudo isso é que esses trinta dias que abalaram a história do Brasil contemporâneo farão de 1980 o ano do Santo, do Papa e do Poeta.



NELSON MOTTA

Raíces canequieiam: em Sampa foi um su

Calçado por críticas consagradoras e grande sucesso popular em São Paulo o grupo Raíces de América adentra o Canecão, dirigido por Flávio Rangel. O que começou despreziosamente em um teatro pequeno de Sampa acabou indo bater no Anhembi, onde foi visto por 12 mil pessoas em quatro dias. Do roteiro fazem parte textos poéticos de Neruda, Atualpa Yupanqui, músicas de Violeta

Parra, Victor Jara, Geraldo Vandré e outras expressões da *latinoamericanidad* musical. Em SP as poesias e lendas eram (bem ditas) por Isabel Ribeiro, que no entanto não pode acompanhar o grupo ao Rio já que faz atualmente TV por lá: em seu lugar veio Ariclê Perez. Os líderes do numeroso Raíces são Tony Osanah, cantor e compositor argentino que está no Brasil "de dez" e já emplacou muitos su-

cessos. Tony tem como companheiro agora um músico, também argentino, com quem já havia produzido muita coisa boa: Willy Verdader, um dos melhores baixistas do país na ativa. O grupo é amadrinhado por Mercedes Sosa, que na contracapa do disco diz: "Hoy fui feliz, cansada, pero veo germinar el canto y decir de los Nahuatl, se está produciendo mi transplante de palabras".

Fátima Guedes ao vivo, no Teatro Ipanema, na quinta que vem, com direção de Mauricio Tapajós e roteiro de Aldyr Blanc. Acompanhada por um pequeno grupo, Fátima faz essa sua estréia no ao vivo munida de alguns sucessos em vozes alheias e dois Lps individuais que atestam a vitalidade e personalidade de seu trabalho. Cada vez que ouço Fátima cantar acredito mais que estamos diante de uma intérprete sensibílissima e altamente original, tanto em seu timbre natural como em sua maneira de emitir, suas divisões, sua pronúncia poética. E uma autora séria, começando a descobrir também a alegria, em início de trajetória, cercada de muita e própria luz.



Fátima Guedes: estréia ao vivo

Stones resistem: de novo em 1º lugar

"Emotional rescue", o novo dos Stones, está há cinco semanas seguidas em primeiro lugar absoluto no Billboard: é na verdade o primeiro da banda a ocupar durante tanto tempo tão privilegiada posição. O recorde é estabelecido 15 anos depois do lançamento do álbum "Out of our heads", que tinha o hit "Satisfaction" e foi o primeiro dos Stones a emplacar nos Estados Unidos. De todos os discos dos Stones, o que menos ficou em primeiro lugar foi "It's only rock'n roll", que só se seguiu durante uma semana.

Provocando já delírios, arrebatamentos, estertores e demencializações o "Panfletos da nova era", de Jorge Mautner, em que a música e os artistas são analisados por ele de forma polêmica e apaixonada. Generosa sempre, ambiciosa quanto aos destinos do Espírito Humano, a visão de Jorge provoca impacto cultural e lança luzes sobre temas e pessoas importantes, profundamente musicais sempre. Além do livro, Jorge está com seu novo Lp "Bomba de estrelas" na agulha, e nele estarão suas parcerias recentes com Moraes Moreira ("Pelos capitais"), Zé Ramalho (autor da letra "Bomba de estrelas", musicada por Mautner como um fado oriental), Nelson Jacobina, Robertinho de Recife, Gilberto Gil ("A força secreta daquela alegria"), Jards Makalé ("Puntos cardinales") e Caetano Veloso ("Música do papa"). No livro de Jorge o mais discutido é o manifesto do seu Partido do Caos: ele explica claramente, de cara, "Kaos com 'K' é o contrário de caos."



Jorge Mautner: um livro e um disco

MÚSICA DE MULHERES: A VALSA E AS DOCE-ARDIDAS

"Clareana", a favorita das crianças, valeu a Joyce exatamente o que ela pretendia: mostrar (e mostrar bem, sob condições favoráveis) o seu trabalho. O não-abiscoitamento de prêmios significou apenas inúmeros convites, todos aceitos, até novembro. Agenda cheia, altos suços. Em "Clareana", ao contrário dos recentes sucessos "da mulher para a mulher", a feminina compositora expressa uma visão que — essa sim! — exclusivamente mulheres penam e desfrutam: a do ponto de vista da mãe. Parece obtuso mas é mesmo obscuro: entre tantas e

tantas mulheres fazendo música de mulheres foram raros, raríssimos, os vãos criativos femininos a partir da condição de mãe. Não vale canção de ninar, *berceuse* e coisa e tal porque isso, tudo que é mãe (e pai) fazem, bem ou mal.

Nada, no gênero, fez sucesso ultimamente: o público feminino estava pedindo o estilo *doce-ardido* que já foi chamado de "mulher 80", "fossa Nova" e "da mulher para a mulher". Surpreendente essa trajetória de uma bela valsa maternal, no centro da galera eletrônica, afirmando delicadezas.

John Lennon volta a gravar

Depois de mais de cinco anos, voluntariamente exilado da música e dos ambientes de criação, cuidando de negócios e propriedades, John Lennon volta aos estúdios: o mais inquieto dos Beatles não resistiu muito a confessar — flagrado à

porta dos estúdios Hits'Factory de Nova York, com Yoko — que está preparando o álbum da volta. Serão basicamente canções românticas e já existe um verdadeiro cerco em torno de John por parte de gravadoras interessadas em lançar o trabalho. Milhões de

dólares acenam para Lennon — atualmente sem contrato de discos.

Mas ele não pretende só voltar ao disco como também fazer uma série de apresentações ao vivo, começando por Londres, é claro. E diz que está em grande forma.

Segunda e terça, na noturna, Robertinho de Recife dardeja suas guitarras no Socialzarte, no Sesc da Tijuca. Os que lá forem ouvirão um dos mais ágeis e completos guitarristas a surgirem de muitos anos para cá. Dono de um fraseado próprio e grande intimidade com a "guita", o de Recife faz loucuras com seu instrumento, eletrificando frevos, frevando blues, fervendo tudo. Agora ele está começando a gravação de seu quarto álbum solo, tudo música dele em parceria com Moraes Moreira, Jorge Mautner e coisa e tal. Antes de Robertinho se apresenta no show a nova cantora Lucília acompanhada por um grupo que tem nome de gênio: Garoto Problema. Na mesma noite, presença ao vivo e repentes poéticos de Tavinho Paes, um dos favoritos do pessoal da Nova Era.